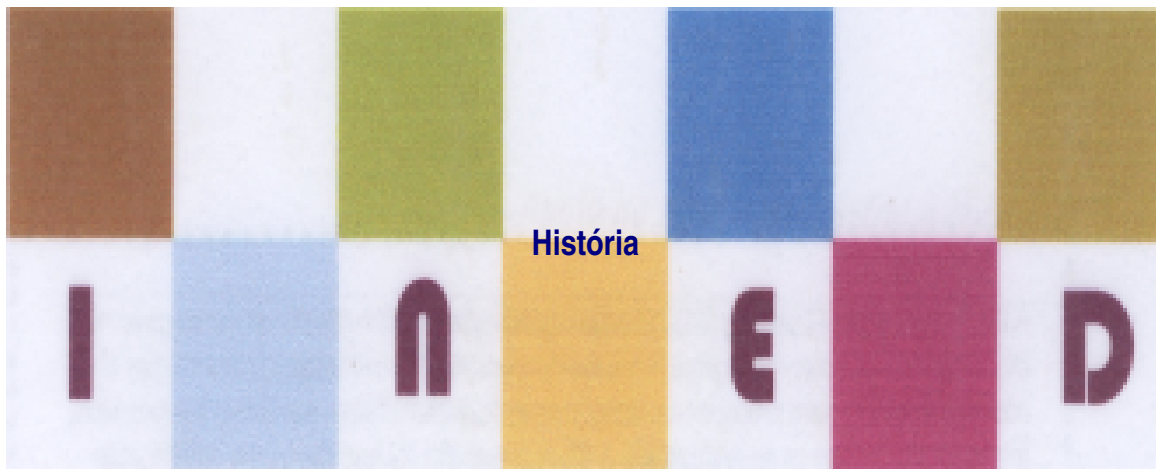


MÓDULO 4



O Nacionalismo Africano

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ABERTA E À DISTÂNCIA - IEDA

Conteúdos

Acerca deste Módulo	1
Lição 1	5
Lição 2	13
Lição 3	21
Lição 4	29
Lição 5	35
Lição 6	41
Lição 7	47
Lição 8	53
Lição 9	61
Lição 10	69
Lição 11	79
Lição 12	87
Lição 13	95
Lição 14	103

Lição 15	110
Lição 16	117
Soluções	125
Teste Preparação de Final de Módulo	134

Acerca deste Módulo

MÓDULO 4

Como está estruturado este Módulo

A visão geral do curso

Este curso está dividido por módulos autoinstrucionais, ou seja, que vão ser o seu professor em casa, no trabalho, na machamba, enfim, onde quer que você deseja estudar.

Este curso é apropriado para você que já concluiu a 7ª classe mas vive longe de uma escola onde possa frequentar a 8ª, 9ª e 10ª classe, ou está a trabalhar e à noite não tem uma escola próxima onde possa continuar os seus estudos, ou simplesmente gosta de ser auto didacta e é bom estudar a distância.

Neste curso a distância não fazemos a distinção entre a 8ª, 9ª e 10ª classe. Por isso, logo que terminar os módulos da disciplina estará preparado para realizar o exame nacional da 10ª classe.

O tempo para concluir os módulos vai depender do seu empenho no auto estudo, por isso esperamos que consiga concluir com todos os módulos o mais rápido possível, pois temos a certeza de que não vai necessitar de um ano inteiro para concluí-los.

Ao longo do seu estudo vai encontrar as actividades que resolvemos em conjunto consigo e seguidamente encontrará a avaliação que serve para ver se percebeu bem a matéria que acaba de aprender. Porém, para saber se resolveu ou respondeu correctamente às questões colocadas, temos as resposta no final do seu módulo para que possa avaliar o seu desempenho. Mas se após comparar as suas respostas com as que encontrar no final do módulo, tem sempre a possibilidade de consultar o seu tutor no Centro de Apoio e Aprendizagem – CAA e discutir com ele as suas dúvidas.

No Centro de Apoio e Aprendizagem, também poderá contar com a discussão das suas dúvidas com outros colegas de estudo que possam ter as mesmas dúvidas que as suas ou mesmo dúvidas bem diferentes que não tenha achado durante o seu estudo mas que também ainda tem.

Conteúdo do Módulo



Cada Módulo está subdividido em Lições. Cada Lição inclui:

Título da lição.

Uma introdução aos conteúdos da lição.

Objectivos da lição.

Conteúdo principal da lição com uma variedade de actividades de aprendizagem.

Resumo da unidade.

Actividades cujo objectivo é a resolução conjunta consigo estimado aluno, para que veja como deve aplicar os conhecimentos que acaba de adquirir.

Avaliações cujo objectivo é de avaliar o seu progresso durante o estudo.

Teste de preparação de Final de Módulo. Esta avaliação serve para você se preparar para realizar o Teste de Final de Módulo no CAA.

Habilidades de aprendizagem



Estudar à distância é muito diferente de ir a escola pois quando vamos a escola temos uma hora certa para assistir as aulas ou seja para estudar. Mas no ensino a distância, nós é que devemos planejar o nosso tempo de estudo porque o nosso professor é este módulo e ele está sempre muito bem-disposto para nos ensinar a qualquer momento. Lembre-se sempre que “*o livro é o melhor amigo do homem*”. Por isso, sempre que achar que a matéria esta a ser difícil de perceber, não desanime, tente parar um pouco, reflectir melhor ou mesmo procurar a ajuda de um tutor ou colega de estudo, que vai ver que irá superar todas as suas dificuldades.

Para estudar a distância é muito importante que planeie o seu tempo de estudo de acordo com a sua ocupação diária e o meio ambiente em que vive.

Necessita de ajuda?



Ajuda

Sempre que tiver dificuldades que mesmo após discutir com colegas ou amigos achar que não está muito claro, não tenha receio de procurar o seu tutor no CAA, que ele vai lhe ajudar a supera-las. No CAA também vai dispor de outros meios como livros, gramáticas, mapas, etc., que lhe vão auxiliar no seu estudo.

Lição 1

O Nacionalismo Africano

Introdução

A ocupação da África iniciou no final do século XIX e, a partir desta altura também, surgiram as primeiras manifestações de oposição à presença europeia, no continente.

Nas primeiras décadas do século XX o nacionalismo africano passou por momentos de menor impacto, mas nunca desapareceu e retomou o seu impacto a partir da década de 1940 tendo conduzido à reconquista da independência dos países africanos. Nesta lição iremos dar início ao estudo do nacionalismo africano falando sobre alguns conceitos inerentes a esta temática e das causas do nacionalismo.



Objectivos

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

Definir nação.

Definir nacionalismo.

Distinguir nacionalismo das manifestações radicais “pseudo nacionalistas”.

Explicar as causas do nacionalismo africano.

O Nacionalismo Africano

O Que é o Nacionalismo?

O termo Nacionalismo remete-nos antes de mais ao conceito de nação. Vejamos então o que se entende por nação.

A palavra Nação, provém do latim *natio*, de *natus* (nascido), e designa a reunião de pessoas do mesmo grupo étnico, mesma língua e mesmos costumes, formando, assim, um povo, cujos membros têm identidade étnica e estão unidos pelos hábitos, tradições, religião, língua e consciência nacional.

Entretanto, os elementos território, língua, religião, costumes e tradição, são requisitos secundários para definição de nação, pois o elemento dominante, assenta no vínculo que une estes indivíduos, determinando entre eles a convicção de um querer viver colectivo. É, assim, a consciência de sua nacionalidade, em virtude da qual se sentem



constituindo um organismo ou um agrupamento, distinto de qualquer outro, com vida própria, interesses especiais e necessidades peculiares.

A Nação é diferente de Estado pois este é uma forma política, adoptada por um povo com vontade política, que constitui uma nação, ou por vários povos de nacionalidades distintas, para que se submetam a um poder público soberano, emanado da sua própria vontade, que lhes vem dar unidade política. Por seu turno, nação existe independente de qualquer tipo de organização legal. E mesmo que, habitualmente, seja utilizada indistintamente de Estado, na realidade significa a substância humana que o forma, actuando aquele em seu nome e no seu próprio interesse, isto é, pelo seu bem-estar, por sua honra, por sua independência e por sua prosperidade.

Portanto, o sentido de nação não se anula porque certa nação foi fraccionada em vários Estados, ou porque várias nações se uniram para a formação de um Estado.

Pois bem, caro aluno, o que será então Nacionalismo? O termo nacionalismo designa uma espécie de despertar nacional, o resurgimento de uma personalidade que tenta afirmar-se opondo-se ao poder estabelecido, normalmente opressivo.

O nacionalismo só é justificável em situação de opressão, quando os elementos de identidade de nação acima expostos se acham sufocados por uma força opressora. Nesse caso torna-se a expressão dos anseios das diversas forças sociais, vivendo humilhadas e que esperam melhores dias. Uma vez alcançada a liberdade, o nacionalismo já não responde aos problemas reais. Passa a ser manifestação de excitações estéreis e de contradições indefinidas. Passa a ser explorado pelas classes privilegiadas para fazer esquecer as desigualdades sociais em nome de uma pretensa totalidade nacional.

O nacionalismo africano deve ser diferenciado dos sentimentos chauvinistas que se difundiram na Europa e se manifestaram por medidas económicas como a autarcia e o proteccionismo aduaneiro de Bismark na Alemanha e de Méline na França, por decisões político-militares que incluíam o imperialismo, tais como o pangermanismo, o fascismo etc., bem como actos de desforra nacional.

Chauvinismo ou chovinismo é o termo dado a todo tipo de opinião exacerbada, tendenciosa, ou agressiva em favor de um país, grupo ou ideia. Associados ao chauvinismo frequentemente identificam-se expressões de rejeição radical a seus contrários e desprezo pelas minorias. Inicialmente, o vocábulo foi usado para designar pejorativamente o patriotismo exagerado, sendo posteriormente adoptado para outros casos.

Pangermanismo - movimento político do século XIX que defendia a união dos povos germânicos da Europa Central. Essa ideologia ganhou força com o sentimento nacionalista alemão, e logo depois com a unificação da Alemanha. No Império Austro-Húngaro e na Rússia o sentimento pan germânico se expandiu para os alemães do Leste Europeu, minorias alemãs em grande parte judeus alemães que sofriam discriminações nos países vizinhos

O nacionalismo africano surgiu como expressão da indignação e oposição dos africanos perante o jugo colonial. Iniciou com as primeiras manifestações de oposição à presença europeia e, embora tenha passado por momentos de menor impacto, nunca desapareceu.

As Causas do Nacionalismo Africano

Durante o período colonial, com o incremento da opressão, o nacionalismo exprime-se sob a forma de revolta e assume a dimensão de uma revolução. Vejamos algumas das causas do nacionalismo em África.

O impacto segunda guerra mundial - durante a segunda guerra mundial centenas de milhares de africanos participaram, ao lado dos europeus, em operações militares em África e na Europa. Nesse contacto os africanos "descobriram" o homem branco. Os brancos trabalhavam com as suas mãos, suavam, sofriam com a fome e com a sede, tremiam de medo, matavam de raiva, enfim ... comportavam-se como qualquer mortal. Para os negros envolvidos na guerra o mito da superioridade branca alimentada pelo colonialismo ficava desfeito e confirmava-se a célebre frase pronunciada por Livingstone no século XIX "os negros não são melhores nem piores do que os homens das outras regiões do globo". Tendo ganho esta consciência, os soldados africanos, que sobreviveram, alguns dos quais mutilados, tornam-se dinamizadores do movimento nacionalista em África.

A política dos Estados Unidos da América - os EUA tinham uma atitude liberal em relação aos problemas africanos, o que se explica pela sua tradicional política anti-colonial e democrática, pelo interesse em impor uma política de "porta aberta" nos territórios africanos para obter novos espaços para investimentos e, finalmente, evitar o avanço dos russos caso fossem os únicos a defender África.

A política da URSS - a URSS também teve uma política anti colonial. A política anti colonial soviética baseava-se na ideologia-mãe do próprio regime - o marxismo. No início a presença soviética em África efectivou-se através dos partidos comunistas das metrópoles, bem como dos sindicatos e associações de inspiração marxista.

Com o avanço do movimento nacionalista os soviéticos passaram a intervir de forma mais directa, tanto concedendo apoio aos movimentos nacionalistas, como apoiando os novos estados após o abandono dos colonizadores, preenchendo o vazio que se abria.

A acção da ONU - um dos objectivos das nações unidas inscrito no artigo 1 da sua carta era "desenvolver entre as nações relações amigáveis, baseada no respeito do princípio de igualdade de direitos dos povos e do seu direito de dispor de si próprios".

À luz deste princípio, a ONU tornou-se o fórum privilegiado para o ataque do fenómeno colonial, constituindo uma espécie de altifalante que ampliava a voz dos fracos.

Além disso a ONU, através das suas comissões e instituições especializadas, contribuiu para o despertar do nacionalismo africano na

medida em que abriu o mundo aos africanos, organizou missões de inquérito a volta dos grandes problemas africanos e do mundo, produziu discursos e relatórios.

O exemplo da Ásia - Com a independência da Ásia desencadeou-se uma solidariedade natural entre África e Ásia. Com a derrota do Japão começou o recuo do imperialismo na Ásia. Nos diferentes países operou-se uma descolonização mais ou menos violenta, com repercussões em África.

No Vietname a luta pela independência, contra a França, envolveu milhares de africanos que pouco depois levariam aos países de origem a experiência dos países contra os quais tinham lutado.

A independência da Índia projectou a personalidade de Mahatma Gandhi até aos países africanos, especialmente anglófonos. Por seu turno a China, além de estimular pelo seu sucesso, tornou-se num dos principais apoiantes do movimento nacionalista discretamente apresentada sob a forma de ajuda mútua entre países pobres.



Mohandas Karamchand Gandhi (Mahatma Ghandi) 1869-1948 Nacionalista indiano, Principal personalidade da independência da Índia. Mentor, na África do Sul, de um movimento pacifista, de luta pelos direitos dos hindus. Desde 1914 difunde seu movimento na Índia defendendo como método principal a resistência passiva. Nega a colaboração com o domínio britânico e prega a não-violência como forma de luta. Corolário da luta liderada por Mahatma Ghandi em 1947, foi proclamada a independência da Índia.

A Indonésia assumiu uma postura igual tendo se popularizado por ter acolhido a Conferência de Bandung na qual foram lançadas as bases do Movimento dos Não Alinhados.

O exemplo da África do Norte - O processo de independência na África do norte começou com o golpe de Estado, no Egipto, que apoiou o rei Faruk e levou ao poder o militante anti colonial e pan-arabista Gamal Abd el-Nasser em 1954. Em 1956 foi a vez de Tunísia e Marrocos, enquanto a Argélia alcançou a sua independência em 1961. A independência destes países levou a que os países da África sub-saariana seguissem o exemplo acreditando na possibilidade de obter êxito igual.



***Gamal Abdel Nasser**, (15/01/1918 - 28/09/1970)
Presidente do Egipto de 1954 até sua morte em 1970.
Um dos principais promotores do nacionalismo africano.*

As contradições internas do colonialismo - além dos factores externos descritos, os factores internos jogaram papel fundamental na

descolonização da África subsaariana. Primeiro, foi pedido aos africanos um enorme esforço de guerra fornecendo matérias-primas e alimentos. Recrutamentos, requisições e trabalhos forçados pesavam sobre os africanos. Nas grandes cidades convivia-se com a fome e a pobreza. Com o fim da guerra, os africanos aspiram o restabelecimento de uma vida menos desumana. Pretendiam ver recompensado o seu esforço. Ao não ver materializada essa esperança começaram a ser tomados pela revolta.

Um segundo factor ligado à colonização tem a ver com os próprios princípios coloniais nomeadamente, a assimilação defendida pelos franceses e a diferenciação apregoada pelos ingleses. Assim os súbditos das colónias franceses defendem que se "somos todos iguais" então a igualdade deve ir até ao fim, ou seja, não deve haver restrições de espécie alguma. Já nas colónias inglesas as reivindicações eram no sentido de a diferença ir até ao nível político.

A ascensão de partidos de esquerda ao poder na maioria dos países europeus -, Sendo tradicionalmente anti colonialistas, estes partidos, como o partido Trabalhista na Inglaterra e o governo de coligação na França, estimularam a descolonização da África.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

- Nacionalismo africano iniciou com as primeiras manifestações de oposição à presença europeia e surgiu como expressão da indignação e oposição dos africanos perante o jugo colonial.
- Os sentimentos nacionalistas emergiram em África alimentados por factores internos, as contradições internas do colonialismo e externos ligados às influências de outros territórios já independentes.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Assinale com umas V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre os conceitos de nação e estado
 - a) Nação é um termo que designa a reunião de pessoas do mesmo grupo étnico, mesma língua e mesmos costumes.
 - b) Estado é uma formação política cujos membros estão unidos pelos hábitos, tradições, religião, língua e consciência nacional.
 - c) Os requisitos primordiais para definição de nação são os elementos território, língua, religião, costumes e tradição.
 - d) O principal requisito para definição de nação é a consciência de sua nacionalidade, em virtude da qual se sentem constituindo um organismo ou um agrupamento, distinto de qualquer outro, com vida própria, interesses especiais e necessidades peculiares.
 - e) O sentido de nação anula-se sempre que esta é fraccionada em vários Estados, ou várias nações se unem para formar um Estado.
2. Explique em como é na descolonização da África do norte estimulou a libertação da África sub saariana.

Agora compare as suas respostas com as da chave de correcção

Guia de Correção

a)V; b) F; c) F; d) V; e) F;

- a) A independência da África do norte levou a que os países da África sub-saariana seguissem o exemplo acreditando na possibilidade de obter êxito igual.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Assinale com um ✓ a frase que melhor define nacionalismo
 - a) Despertar nacional, o resurgimento de uma personalidade que tenta afirmar-se opondo-se ao poder estabelecido.
 - b) Expressão dos anseios das diversas forças sociais, vivendo humilhadas e que esperam melhores dias.
 - c) Sentimentos que se difundiram na Europa e se manifestaram por medidas económicas como a autarcia e o protecçãoismo aduaneiro, por decisões político-militares que incluíam o imperialismo bem como actos de desforra nacional.
 - d) Todo tipo de opinião exacerbada, tendenciosa, ou agressiva em favor de um país, grupo ou ideia.
2. Analise as contradições internas do colonialismo que conduziram à emergência do nacionalismo africano

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 2

Os Grupos Motores do Nacionalismo Africano

Introdução

Os factores de emergência do nacionalismo, particularmente as práticas opressivas do colonialismo faziam-se sentir sobre todos os africanos, entretanto uns tiveram maior capacidade de entender a situação em que se encontravam e avançar com ideias e acções para a sua superação. Eram pessoas que pela sua vivência estavam suficientemente esclarecidos para, não só entender, mas também criticar e enfrentar a opressão.

Portanto se o nacionalismo tornou-se um fenómeno generalizado, deveu-se ao facto de a maior parte da população africana ter aderido a um movimento iniciado por grupos restritos que se propuseram a avançar para o movimento de libertação. Veja então, nesta lição, a quem coube o papel dinamizador do movimento nacionalista africano.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Identificar os principais grupos impulsionadores do nacionalismo africano.

Explicar a ação dos diferentes grupos motores do nacionalismo africano.

Os Grupos Motores do Nacionalismo Africano

O nacionalismo em África teve primeiros focos alguns círculos mais ou menos organizados e/ou esclarecidos entre os quais se destacam os sindicatos africanos, os intelectuais, os estudantes, as igrejas, os partidos políticos, entre outros que já possuíam uma estrutura capaz de suportar as acções nacionalistas. Veja a seguir a acção de cada um destes grupos motores do nacionalismo africano.

Os Sindicatos Africanos

O movimento sindical em África surgiu relativamente tarde devido a também tardia afirmação económica de um continente onde o pacto colonial quase proibia a industrialização.



A Grã-bretanha só autorizou o direito sindical no seu império por volta de 1930. A França e a Bélgica só mais tarde autorizaram o movimento sindical nas suas colónias.

Em 1941 o número de organizações sindicais na África ocidental britânica rondava os 40 no Gana e 50 na Nigéria, tendo passado para cerca de 100 e 177, respectivamente, nos meados dos anos 50. Na África ocidental francesa até 1937 não existia nenhum sindicato, mas em 1955 existiam cerca de 350.

Apesar do seu aumento numérico nos meados do século XX, os sindicatos africanos, enfrentaram dificuldades:

- **Fraca aderência dos trabalhadores** - devido ao receio dos trabalhadores em aderir aos movimentos considerados subversivos e a fragilidade financeira que não permitia o pleno funcionamento do aparelho sindical. Por outro lado, a grande mobilidade (entrada e saída) dos trabalhadores não permitia a coesão e força dos sindicatos. Concorria ainda para a fraca aderência, a ausência ou deficiente formação dos militantes e quadros do movimento sindical, visto que quanto maior é a estabilidade e o nível de formação dos trabalhadores, maior é a autoridade e o vigor do movimento sindical. É isto que explica que as maiores associações sindicais tenham sido as dos professores, do sector ferroviário, da indústria mineira, etc.;
- **Os Sindicatos Amarelos** - no contexto do colonialismo, e com o objectivo de contrariar a acção dos sindicatos africanos, as metrópoles criavam, os “sindicatos amarelos”, geralmente conformistas, bem como a “importação” dos problemas que abalavam os sindicatos metropolitanos.

Sindicatos amarelos

Normalmente formados ou financiados pelos patrões com o objectivo de, dividir os trabalhadores, defender seus próprios interesses e não os da classe trabalhadora. São contrários à greve e adotam posição conciliadora. A denominação de "amarelos" (ou Krumiros) decorre da fama de fura-greves que tinham os orientais no século XIX na França. Estes sindicatos surgiram no século XIX na França e na Alemanha.

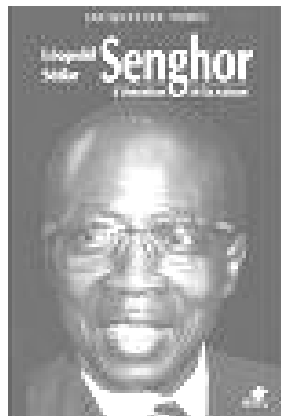
Apesar das limitações que os caracterizavam, os sindicatos africanos desempenharam um papel de relevo no nacionalismo africano. Com efeito, mais do que reivindicações de índole estritamente económica, os sindicatos começaram a pôr em causa o próprio sistema colonial, a razão de fundo de todos os males com que se debatiam. Foi por isso com frequência que os dirigentes sindicais apareciam como líderes políticos.

Além disso, as centrais sindicais eram apoiadas por partidos políticos que na Europa apoiavam as centrais sindicais-mães. Portanto estes partidos começavam a agir no sentido de pressionar a aprovação das leis sindicais.

Uma terceira forma de envolvimento dos sindicatos na luta nacionalista advém do facto de os patrões serem europeus e haverem também trabalhadores europeus disputando o lugar aos africanos. Assim uma reivindicação de carácter laboral transformava-se numa exigência colocada por africanos aos europeus; portanto virava uma questão entre africanos e europeus, o que acabava por despertar a consciência nacional.

Os Intelectuais

A acção dos intelectuais no nacionalismo teve as suas origens bastante ligadas aos escritos antilhanos e malgaxes versando as suas origens africanas. Se em 1930 Etienne Léro, da Martinica, fundou o jornal *Legitime defense* no qual se debruçava sobre o esmagamento da sua raça (negra), nos anos imediatos Aimé Césaire, Lopold Senghor, Davo Dion, Dadié, Birago Diop, Paul Niger, Paul Roumain, Léon Damas, Rabemanjara e outros deram eco ao grito negro através de diversas manifestações artísticas. Era o surgimento da *Négritude*, um movimento intelectual altamente comprometido com a ideia da (re) valorização da raça negra, a (re) afirmação do Homem negro. Através de publicações diversas (revistas, jornais, livros, etc.) os intelectuais africanos desempenharam portanto papel importante no surgimento e crescimento no nacionalismo africano.



Leopold Senghor

Poeta de língua francesa, fundador, ao lado de Aimé Césaire e Léon Damas, do movimento da "Négritude". Figura cimeira da cultura euro-africana, cuja obra, como pensador, político e poeta, está presente em todos os círculos culturais e universidades onde se estuda a história de África. Primeiro presidente, do Senegal, após a independência em 1960, de que foi um Homem mais de pensamento que de acção, pelo que preferiu a tribuna (chegou a ser deputado da Assembleia francesa) à guerrilha para impor o direito dos povos colonizados à independência e a dignificação dos valores das civilizações africanas como uma componente da Humanidade.

Os estudantes

Os estudantes desempenharam um papel muito próximo ao dos intelectuais, mas com muito mais vigor. Nos melhores dentre eles, a reivindicação do seu próprio “eu” devia tomar corpo num desígnio histórico colectivo. Sob este aspecto, os estudantes aproximavam muito mais das ideias pan-africanistas espalhadas na intelligentsia dos países africanos anglófonos. Na sua maioria eram membros da secção universitária de algum partido nacionalista africano ou participavam em

círculos de estudos com militantes de partidos ou movimentos europeus progressistas.

O acolhimento de estudantes africanos iniciou com a criação, em 1926, na Grã Bretanha da West Africa students Union (WASU), aglutinando mais de 2500 estudantes que tinham como principais objectivos fugir ao isolamento, evitar o paternalismo por uma associação autónoma e preparar-se para as futuras tarefas políticas. Em 1952 foi a vez de a França fundar a Federation des étudiants d'Afrique Noire en France virada para o combate nacionalista africano.

Portugal, e Bélgica tiveram um número ainda mais reduzido de estudantes das colónias.

Entre as acções mais notáveis para dinamizar o movimento nacionalista destacam-se a realização, em Setembro de 1956, do Primeiro Congresso dos Escritores e dos Artistas Negros, no qual os estudantes lançaram uma espécie de Declaração de Independência Cultural. Em 1959 realizou o segundo Congresso.



WASU (União dos Estudantes da África Ocidental) - fundada aos 7 de Agosto de 1925 por 21 estudantes do curso de direito, liderados por Ladipo Solanke e Herbert Bankole-Bright. Solanke tinha fundado, no ano anterior, o NPU (União do Progresso Nigeriano) para estudantes nigerianos sedeados em Londres. Com o apoio de Amy Ashwood Gervay a NPU começou a realizar campanhas para melhorar as condições de vida dos estudantes Africanos em Londres, e por uma série de medidas que visavam o progresso das colónias Britânicas Africanas

As Igrejas

As igrejas constituíram também um campo de fermentação de sentimentos nacionalistas. O islão já tinha manifestado posições anti coloniais durante a fase da conquista, quando algumas acções de resistência tiveram cunho religioso, bem como quando já em pleno período colonial alguns chefes religiosos muçulmanos desenvolveram planos e acções anti coloniais.

A nível do cristianismo o nacionalismo exprimia-se através da fé. Partindo dos princípios religiosos como a origem divina de todos os descendentes de Adão e a misteriosa consanguinidade de todos os cristãos em Cristo, a pertença de todos os cristãos a um mesmo corpo cuja cabeça era Jesus, começou a ser denunciado no seio da igreja o racismo nos locais de culto onde assistia-se a separação entre brancos e negros. Surgia assim um profetismo e um messianismo genuinamente africanos.

Tanto o Cristianismo como o Islão vieram substituir as religiões animistas tradicionais e consequentemente os "Deuses" de aldeia ou da família dão lugar a uma igreja universal, que introduziu entre os africanos um grande princípio de integração.

Um dos exemplos da tendência autonomista no movimento nacionalista radicado nas igrejas, é no dado por E. J. Nemapare pastor da Rodésia do Sul (actual Zimbabwe). Tendo desencadeado um cisma africano na igreja metodista foi acusado de desmembrar o corpo de Cristo tendo respondido nos seguintes termos: *"nenhum protestante pode me acusar de desmembrar o corpo de Cristo. Como protestante posso protestar ..."*

Com esta afirmação facilmente se percebe que os próprios princípios religiosos tornavam-se fundamento nacionalista. Muitos outros pastores africanos como o zulu Isaie Shembe ou o liberiano Wiliam Harris seguiram esta via autonomista.

Nos locais onde a exploração colonial era mais intensa como a África equatorial e central ou nas épocas de maiores sofrimentos como durante a crise económica mundial ou os anos da II Guerra Mundial, o profetismo surgiu como compensação mística à essa realidade. Algumas igrejas desenvolveram doutrinas de combate profetizando novas realidades como a destruição dos manipansos, ou o fim do mundo com a extinção dos brancos. Simon Kibangu, André Matswa, Mulowozi wa Yezu, Aleluia, foram alguns dos chefes religiosos cujas seitas assumiram a postura descrita e que acabaram morrendo nas cadeias ou enforcados.

A African Orthodox Church ensinava que os anjos eram negros e os demónios brancos. A ideia espalhou-se pela África, onde o movimento nacionalista a partir das igrejas assumiu-se autonomista e profético.

Os Partidos Políticos

Os partidos políticos foram as principais forças do movimento nacionalista em África. A partir de 1945, uma convergência de vários factores, levou ao surgimento de centenas de partidos políticos, uns legais e outros ilegais. Na lição 3 você irá estudar em detalhes como surgiram os partidos políticos em África e a sua acção no desenvolvimento do nacionalismo africano.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

O movimento nacionalista africano, expressão da indignação e contestação dos africanos à situação de dominação colonial a que se achavam sujeitos, fermentou inicialmente em certos sectores da população e depois se alastrou a toda a população.

Os focos iniciais do nacionalismo foram alguns círculos mais ou menos organizados e/ou esclarecidos entre os quais se destacam os sindicatos africanos, os intelectuais, os estudantes, as igrejas, os partidos políticos, entre outros.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas em relação aos grupos motores do nacionalismo africano
 - a) Os sindicatos, um dos grupos motores do nacionalismo africano, começaram a surgir em África por volta de 1930.
 - b) Os primeiros sindicatos africanos foram formados na África ocidental francesa onde em 1955 existiam cerca de 350 sindicatos.
 - c) Os sindicatos africanos, foram marcados pela fraca aderência dos trabalhadores e pela acção perturbadora dos Sindicatos Amarelos.
 - d) A acção nacionalista dos intelectuais consistiu na criação do movimento da Negritude, um movimento comprometido com a (re) valorização da raça negra, a (re) afirmação do Homem negro.
 - e) O 1º Congresso dos Escritores e dos Artistas Negros, realizou-se em Setembro de 1959.
 - f) As igrejas, tanto Cristãs como o Islâmicas assumiram sempre uma posição de neutralidade em relação ao movimento nacionalista.
 - g) Os partidos políticos em África surgiram a partir de 1945, como resultado da convergência de vários factores.

Guia de Correção

- | | | |
|------|------|------|
| a) V | d) V | g) V |
| b) F | e) F | |
| c) V | f) F | |

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Explique as razões da debilidade dos sindicatos africanos
2. Descreve o papel de Leopold Senghor no contexto do nacionalismo africano
3. Compare a acção dos intelectuais e dos estudantes na difusão do movimento nacionalista em África

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 3

Os Partidos Políticos

Introdução

Na lição 2 deste módulo que você acabou de estudar, tratou de algumas das forças motoras do nacionalismo africano. Para concluir essa abordagem vai, nesta lição, estudar a acção daquela que foi a principal força motriz do nacionalismo e em torno da qual foi conduzido o processo de independência até a sua consumação. Referimo-nos aos partidos políticos. Pretende-se aqui estudar os factores que levaram a formação dos partidos políticos em África, os tipos de partidos e a sua acção para a descolonização do continente. Preste atenção!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Explicar os factores da emergência dos partidos politicos em africa.

Tipificar os partidos africanos.

Explicar a acção dos partidos politicos na descolonização do continente.

Os Factores de Surgimento dos Partidos Políticos

Os partidos políticos foram as principais forças do movimento nacionalista em África. A acção dos diversos grupos motores do nacionalismo africano apenas assumiu papel de maior relevo quando essas organizações assumiram cariz mais político e, sobretudo, começaram estabelecer ligações com certos partidos políticos.

O surgimento dos partidos políticos em África data de meados da década de 1940, como resultado de uma convergência de vários factores que levou ao surgimento de centenas de partidos políticos, uns legais e outros ilegais.

Quais foram então os factores que conduziram ao surgimento dos partidos políticos em África?

A influência dos movimentos e chefias pré-existentes - a autoridade tradicional constituiu um dos maiores suportes dos partidos políticos africanos, devido ao grande poder de que gozava no seio das comunidades. Na verdade, muitos dos partidos africanos constituíram prolongamentos de organizações tradicionais liderados por chefes tradicionais ou seus filhos.



O desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação - o aumento considerável do parque automóvel melhorou substancialmente a formação e funcionamento dos partidos pelas facilidades de locomoção daí resultantes. O telégrafo e o telefone permitiram também uma melhoria substancial nas comunicações.

O enfraquecimento do poder dos chefes tradicionais - as reformas democráticas que levaram ao estabelecimento de direitos igualitários resultou numa roedura do poder tradicional, abrindo espaço a uma maior importância das organizações nacionalistas, especialmente, os partidos políticos.

A destruição das hierarquias económicas e sociais - resultante do aumento da mobilidade motivada pelo ensino e pelos negócios.

As liberdades fundamentais de reunião, de expressão e de deslocação - os partidos políticos foram igualmente estimulados pelas liberdades concedidas na Europa e cujos efeitos far-se-ão sentir nas colónias.

Esta abertura permitiu o surgimento de uma forte literatura política. Um número considerável de páginas de jornais é reservado a artigos de cariz anti colonialista produzidos por homens notáveis com Leopold Senghor, do Senegal, Kwame Nkrumah, do Ghana, Nandi Azikiwe, da Nigéria e outros. Paralelamente desenvolveu-se também uma imprensa livre que catalisou bastante a actividade política em África, principalmente na África anglófona.

O apoio dos partidos metropolitanos - os partidos metropolitanos prestavam-se a dar apoio multiforme aos partidos das colónias, em especial nos territórios francófonos.

Entretanto, embora apreciável, o apoio prestado era também paternalista, pois, esse apoio, era condicionado pela subserviência dos partidos das colónias em relação aos das metrópoles. Alguns partidos influentes, como a Union des populations du Cameroun (UPC) nos Camarões, o Movimento para a libertação Nacional do Sudão e o RDA, viram-se forçados a agir clandestinamente. Este facto teve, contudo, um efeito contrário, pois fortaleceu o militantismo dos membros desses partidos e reforçou a centralização e a disciplina no seio dos mesmos.

Tipos de Partidos

A formação de partidos políticos ocorreu em circunstâncias bastante distintas e por actores também de origem bastante díspar. Alguns partidos foram fundados dentro das próprias colónias beneficiando da legislação vigente, outros tiveram que se formar no exílio em razão das restrições nos respectivos territórios. Noutros casos os partidos foram formados por intelectuais enquanto outros ainda foram fundados pelas populações. Enfim existiram uma série de condicionalismos na formação dos partidos políticos africanos o que tornou-os pouco homogêneos em termos ideológicos, de estratégia, composição, etc.

Assim, entre os partidos políticos africanos podem distinguir-se três categorias:

- **Partidos de notáveis** - dirigidos por pessoas com posição económica e social privilegiada, tanto resultante de herança como de veneração religiosa ou riqueza. São partidos marcados pelo culto à personalidade e nos quais a competência e a capacidade vêm a seguir ao poder "vindo de cima". Nesta categoria de partidos encontramos o Congresso dos Povos do Norte, na Nigéria.
- **Partidos de massas** – como o nome já sugere, estes eram partidos com forte envolvimento popular e onde o exercício do poder era por mandato e legitimado pela eleição. O PDG da Guiné, o CPP do Gana ou a União Sudanesa são exemplos deste tipo de partidos, que são a maioria dos partidos africanos.
- **Partidos de quadros** - constituídos por uma elite instruída. Integravam estes partidos homens escolarizados. São pouco numerosos.

A Organização dos Partidos

As organizações políticas africanas tomaram formas bastante variadas.

Congresso – que implica uma união das forças vivas de um país numa organização com articulações pouco rígidas e que se propõe travar o combate por todo o país. Ex RDA, Congresso Nacional africano, etc.

Frente – concentração política, assente numa plataforma contratual estabelecida diante de uma situação revolucionária por um conjunto de partidos que se entendem na base de um programa mínimo, com regras bem definidas e visando objectivos claros. Em Moçambique por exemplo o aprofundamento do movimento nacionalista implicou a unificação da UDENAMO, MANU e UNAMI para a formação da Frente de Libertação de Moçambique, a FRELIMO que mais tarde, em 1977 viria a se transformar em “Partido Frelimo”.

Partido – organismo político muito homogéneo e restrito e que, devendo contar com outras forças vivas organizadas, no xadrez político, se permite um campo de manobras mais amplo.

As Estruturas Partidárias

A organização dos partidos foi bastante variável consoante as influências iniciais sobre os mesmos, as necessidades políticas locais e a personalidade dos dirigentes.

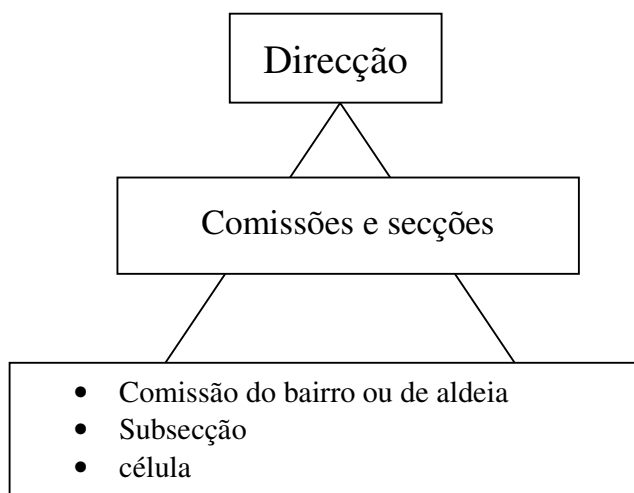
A unidade básica do partido é a **comissão do bairro ou de aldeia, a subsecção, célula** ou outra estrutura análoga. Raramente se tomou o local de trabalho como base da organização. Este critério de organização baseado na habitação, era mais adequado à mentalidade africana, onde a solidariedade de vizinhança aglutina pessoas com funções sociais

diferentes. Por outro lado facilita as reuniões e as palavras de ordem são espalhadas através do “telefone africano”- que faz passar a mensagem de pessoa para pessoa através do contacto directo - e o recrutamento é feito através de uma espécie de fagocitose natural, pois as ligações familiares ou a vizinhança tornam-se vínculos naturais para a aderência das pessoas a um certo partido.

As Comissões e Secções

Acima das estruturas de base existiam outras intermédias - as comissões e secções - constituindo o elo de ligação entre a liderança do partido e as bases. Compete a estas estruturas recrutar os militantes, os activistas que constituem a ala activa do partido e que por vezes ascendem a combatentes de vanguarda exigindo mudanças radicais na orientação ideológica, no aparelho e nos métodos do partido.

A direcção dos partidos africanos foi em geral bastante personalizada gravitando em torno da figura do fundador e organizador do partido. Por vezes, na ausência de referências escritas, o dirigente é a doutrina, o programa, os estatutos e a regra do partido.



O papel dos jovens e das mulheres

Em África a acção dos partidos contou com um enorme estímulo da acção dos jovens e das mulheres.

Como, certamente sabe, caro aluno, os jovens são um grupo bastante dinâmico. Assim sendo assumiram papel de destaque na acção dos partidos constituindo o “ferro da lança” da maioria dos mesmos. Se é verdade que os jovens mostravam sempre disponibilidade as manifestações, as suas ideias eram, próprio da idade, escassas ou imaturas pelo que a acção política não era o seu forte. É deste modo que os jovens, defendem, com o vigor próprio da idade, as teses da independência e da unidade africana. Nos grandes comícios andam numa roda-viva para abrirem passagem e divertem a multidão com as suas exibições e piadas.

As mulheres transportavam para a arena da luta anticolonial o fervor sentimental a paixão que as caracteriza, conseguindo transformar uma palavra de ordem em aspiração de todo um povo.

O papel das mulheres foi particularmente decisivo no golfo da Guiné, onde elas são tradicionalmente mais interventivas nos assuntos públicos devido a maior liberdade, ao regime matrilinear e ao seu poder económico. Organizadas em associações de quitandeiras, as mulheres na Costa do Marfim, Togo e Gana, tornam-se propagandistas de choque. Por outro, lado são elas que, com manifestações culturais diversas, transformam os comícios dos partidos em verdadeiras festas populares.

Portanto os jovens e as mulheres assumem-se como catalizadores da acção dos partidos africanos.



Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

Os partidos políticos constituíram o principal grupo motor do nacionalismo africano, encabeçando toda a acção nacionalista.

O surgimento dos partidos políticos esteve ligado a diferentes factores, o que se reflectiu na diversidade deste tipo de organizações nacionalistas.

A acção dos jovens e das mulheres foram de grande impacto na dinamização dos partidos africanos.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Mencione os factores do surgimento dos partidos políticos em África.
2. Faça corresponder as colunas A e B de modo a obter a correspondência correcta.

A. Partidos de notáveis	1. Partidos com forte envolvimento popular e onde o exercício do poder era por mandato e legitimado pela eleição.
B. Partidos de massas	2. Concentração política, assente numa plataforma contratual face a uma situação revolucionária por vários partidos que se juntam, com regras e objectivos claros.
C. Partidos de quadros	3. Organismo político muito homogéneo e restrito e que, devendo contar com outras forças vivas organizadas, no xadrez político, se permite um maior campo de manobra.
D. Congresso	4. Constituídos por uma elite instruída. Integravam estes partidos homens escolarizados.
E. Frente	5. Dirigidos por pessoas com posição económica e social privilegiada marcados pelo culto à personalidade e pela primazia do poder sobre a competência e a capacidade.
F. Partido	6. União das forças vivas de um país numa organização com uma articulação pouco rígida e que se propõe lutar por todo o país.

Guia de Correção

1. Os factores foram:
 - a) A influência dos movimentos e chefias pré-existentes
 - b) O desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação
 - c) O enfraquecimento do poder dos chefes tradicionais
 - d) A destruição das hierarquias económicas e sociais
 - e) As liberdades fundamentais de reunião, de expressão e de deslocação
 - f) O apoio dos partidos metropolitanos
2. A – 5; B – 1; C – 4; D – 6; E – 2; F – 3

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Relacione a evolução política nas metrópoles com o surgimento dos partidos políticos em África.
2. Caracterize o partido de massas e distinga-o de outros partidos africanos
3. Diferencie frente de partido
4. Descreva o papel dos jovens na acção partidária

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 4

As Potências Europeias Diante do Movimento Nacionalista

Introdução

Nos meados do século XX o movimento nacionalista em África tornou-se uma realidade. Factores internos e externos tornavam o percurso para a independência da África algo irreversível. As potências coloniais enfrentavam, pois, essa dura realidade. Como enfrentar este movimento, sobretudo, salvaguardando os seus interesses no continente. A resposta a esta questão nunca foi uniforme. Nesta lição vai pois estudar como as diferentes potências coloniais reagiram diante da progressiva implantação

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Explicar a reação da Inglaterra e França diante do nacionalismo africano.

Explicar como Portugal e Belgica reagiram perante a intensificação do nacionalismo africano.

As Potências Europeias Diante do Movimento Nacionalista

As duas guerras mundiais que fustigaram a Europa durante a primeira metade do século XX deixaram os países europeus sem condições para manterem um domínio económico e militar nas suas colónias. A esta realidade, juntou-se o surgimento e intensificação do movimento independentista particularmente após a Conferência de Bandung, que levou as antigas potências coloniais a negociarem a independência das colónias.

O processo de independência das colónias europeias no continente africano teve início após a II Guerra Mundial e prolongou-se até a década de 70. Durante a guerra, a pressão das metrópoles pelo crescimento da produção colonial, o avanço dos meios de comunicação (aviação, rádio, construção de estradas) e a desestruturação das metrópoles europeias – Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha e Itália – favorecem o surgimento de movimentos de libertação. A descolonização dá-se de forma lenta e desigual em todo o continente.



Os movimentos anti colonialistas intensificaram-se após a Conferência Afro-Asiática de Bandung, na Indonésia, em 1955, que reuniu 29 países asiáticos e africanos e proclamou o princípio do não-alinhamento automático ao lado das novas potências emergentes, EUA e URSS, e defendeu o direito de autodeterminação dos povos. Nos dez anos que se seguem à conferência, 33 países obtêm a emancipação.

Leitura

A Conferência de Bandung realizou-se entre 18 e 24 de Abril de 1955, na Indonésia, com a participação dos líderes de vinte e nove Estados asiáticos e africanos. O objectivo era a promoção da cooperação económica e cultural afro-asiática, como forma de oposição ao que era considerado colonialismo ou neocolonialismo dos Estados Unidos da América, da União Soviética ou de outra nação considerada imperialista.

Foi a primeira conferência a falar e a afirmar que o imperialismo e o racismo são crimes. A conferência lançou a ideia de um Tribunal da Descolonização, para julgar os culpados desse crime contra a humanidade, mas a ideia foi abafada pelos países centrais. Abordou também as Responsabilidades dos Países Imperialistas, que existem até hoje, entendidas como ajuda para reconstruir os estragos que eles fizeram no passado. Nessa conferência foram lançados os princípios políticos do "não-alinhamento" (Terceiro Mundismo), ou seja, de uma postura diplomática e geopolítica de equidistância das superpotências. Apesar do não-alinhamento todos os países declararam que eram socialistas mas não iriam se alinhar ou sofrer influência Soviética. O "Não-alinhamento" não foi possível no contexto da Guerra Fria, onde URSS e EUA buscavam cada vez mais por áreas de influências. No lugar do conflito leste-oeste, Bandung criava o conceito de Conflito norte-sul, expressão de um mundo dividido entre países ricos e industrializados e países pobres exportadores de produtos primários.

A pressão dos movimentos nacionalistas forçou diversas potências europeias a conceder a independência as suas colónias, procurando, porém manter laços económicos e políticos. Aos EUA e à URSS, interessava pôr fim ao mundo colonial, e abrir as antigas colónias a disputa comercial das principais potências.

Um breve olhar aos principais factores da emergência do nacionalismo africano permite verificar que as condições para esse movimento encontravam-se criadas nos meados do século XX.

Uma das questões que se levanta quando se fala do nacionalismo africano é “como é que as potências europeias reagiram ao crescimento do movimento nacionalista em África?”

A atitude das potências coloniais diante do movimento nacionalista foi variável. Alguns países, com destaque para Inglaterra e França, que já tinham, nas colónias, uma posição económica firme sobretudo graças as companhias aí instaladas optaram por soluções neocoloniais.

Como?

Diante da intensificação do movimento nacionalista e das pressões internacionais, Inglaterra e França, concederam autonomia política as suas colónias, mantendo porém governos leais à antiga metrópole e, sobretudo, o domínio económico.

O novo estado, “independente”, continua assim vinculado à “antiga” metrópole, no quadro de uma comunidade de estados independentes – Commonwealth ou a Comunidade Francesa – ficando as relações exteriores condicionadas por essa comunidade.

Neste contexto muitas colónias africanas sob domínio inglês ou francês ascenderam à independência de forma pacífica com base num quadro estabelecido para o efeito. Foi assim na Costa do Ouro, Nigéria, Tanganyica, Uganda, Senegal, Costa do Marfim, Mali, Guiné, entre outras colónias inglesas e francesas.

Outros países, como Portugal e Bélgica, até meados do século XX, quando o movimento nacionalista começou a se intensificar, não possuíam em suas colónias uma estrutura económica suficientemente forte para assegurar a manutenção dos seus interesses após a independência por isso foram relutantes em aceder ao desejo de independência dos africanos.

Essa atitude das potências colonizadoras ditou que a busca da independência das respectivas colónias fosse por via da insurreição armada. Mais ainda a ascensão das colónias à independência significou o corte com as antigas metrópoles.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

O processo de descolonização da África teve início logo após a II Guerra Mundial e prolongou-se até a década de 70. Este processo esteve ligado a pressão das metrópoles pelo crescimento da produção colonial, o avanço dos meios de comunicação e a desestruturação das metrópoles europeias e intensificou-se após a Conferência Afro-Asiática de Bandung, na Indonésia, em 1955.

A reacção dos países europeus perante o crescimento do movimento nacionalista foi variável. Enquanto alguns, Inglaterra e França, optaram por uma solução neocolonial, a reacção de Portugal e Bélgica propiciou o recurso a luta armada.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Releia atentamente o texto sobre a Conferência de Bandung e responda as questões que se seguem
 - a) Diga quando e onde se realizou a Conferência de Bandung
 - b) Que objectivo (s) norteou (aram) a realização dessa conferência?
 - c) Defina: “Não-alinhamento”; conflito leste- oeste; conflito norte-sul.

Guia de Correção

- a) Abril de 1955, na Indonésia
- b) Promoção da cooperação económica e cultural afro-asiática, em oposição ao colonialismo ou neocolonialismo dos EUA, da URSS ou qualquer outra nação imperialista
- c)
 - Não-alinhamento: Postura diplomática e geopolítica de equidistância das superpotências;
 - Conflito leste – oeste: conflito que opõe os países capitalistas ou ocidentais e os países socialistas, do leste europeu;
 - Conflito norte – sul: conflito entre os países ricos e industrializados (maioritariamente localizados no hemisfério norte) e países pobres exportadores de produtos primários (do sul do equador).

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Indique os factores que estimularam o incremento do movimento nacionalista em África após a segunda guerra mundial.
2. Explique porque é que nas colónias portuguesas foi preciso recorrer a luta armada para a conquista da independência.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 5

O Percurso Para a Independência nas Colônias Inglesas

Introdução

Entre finais do século XIX e início do século XX os europeus proclamaram os impérios coloniais em África como prolongamentos inevitáveis e permanentes da civilização europeia, que entretanto viriam a durar apenas três gerações.

Nos anos 60 o sistema colonial encontrava-se em recuo e nos finais dos anos 70, tinha desaparecido, prevalecendo como seu principal emblema as guarnições fortificadas de brancos instalados na África do Sul, que tinham como dependência própria o SW africano.

A história da descolonização em África tem sido muitas vezes relatada principalmente em função do desenvolvimento dos movimentos nacionalistas do continente, em especial a negritude, o pan-africanismo e o pan-islamismo. No entanto uma perspectiva mais ampla parece exigir que se tenham em conta também as mudanças ocorridas na frente do colonizador.

As transformações verificadas na atitude das potências coloniais em relação à África do século XX estiveram frequentemente interligadas e influenciaram-se mutuamente numa variedade de combinações por vezes desconcertantes, determinadas por circunstâncias históricas específicas na Europa e em África.

Primeiro foram as duas guerras mundiais e a depressão económica entre elas, que abalaram a confiança da Europa Ocidental na sua missão civilizadora, e em seguida para provocar um declínio considerável na sua capacidade real de manter o domínio imperial. Isto levou, em segundo lugar, a uma rapidez cada vez maior em compreender que o sistema colonial continha a sua própria destruição.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

Explicar o processo de descolonização na costa do Ouro.

Identificar as principais figuras ligadas a Independência da costa do Ouro.



Objectivos



O Percurso Para Independência nas Colónias Inglesas

O Gana (Costa do Ouro)

Se um pouco por toda a África negra se achavam criadas as condições para a descolonização, foi na Costa do Ouro, a colónia que mais beneficiara com as relações com os europeus, e que tinha portanto, as maiores esperanças, que se desenrolaram as acções iniciais rumo a descolonização.

As acções ligadas a descolonização nesta região iniciaram em finais da década 1940, ainda estava fresca a II guerra mundial.

Em Fevereiro de 1948 houve tumultos nas maiores cidades do sul do Ashanti, tendo como principais alvos - os armazéns das maiores companhias comerciais dos europeus.

Embora pouco relevantes, quando comparados com os acontecimentos na Índia e outras regiões, os acontecimentos na Costa do Ouro, foram um alerta para as autoridades coloniais inglesas. Assim foi enviada uma comissão de inquérito que chegou à conclusão de que o problema fundamental era o de a constituição de 1946 para a Costa do Ouro ser à partida ultrapassada e portanto inadequada às necessidades do que se pensava ser uma nova nação em evolução.

Recomendava que os africanos deveriam ajudar a esboçar uma nova constituição como primeiro passo para uma rápida ascensão à autonomia num processo gradual de transferência do poder do executivo da administração colonial para os ministros africanos que responderiam perante a assembleia nacional.

O governo inglês aceitou de imediato a proposta da comissão de inquérito por considerar que seria difícil enfrentar os nacionalistas africanos numa altura em que combatia uma revolta comunista na Malásia.

Por outro lado a Inglaterra tinha uma posição económica suficientemente forte para poder lucrar com a cooperação de um governo nacionalista moderado, em vez de arriscar-se a ser arruinado por ele.

As expectativas da Inglaterra foram materializadas com a constituição da Convenção Unitária da Costa do Ouro, em 1947, pelo conceituado advogado Danquah. Faziam parte desta organização política, figuras proeminentes da religião, dos negócios e outras áreas importantes.

No seguimento das recomendações da comissão de inquérito, Danquah e seus seguidores anuíram ao convite do governo britânico para preparar uma nova constituição. Para dar uma maior dinâmica ao movimento Danquah decidiu convidar Kwame Nkrumah, jovem intelectual formado nos Estados Unidos e Inglaterra, para secretário-geral do movimento.

Entretanto, cedo se manifestaram as diferenças entre Danquah e Nkrumah. Enquanto Danquah e seus seguidores estavam dispostos a aceitar o convite britânico para um processo gradual, e até lento, para a independência, Nkrumah defendia a independência imediata

Para Nkrumah, o movimento devia aproveitar a situação e não entregar-se aos interesses dos ingleses.

Para materializar a sua ideia de nacionalismo que passava pela tomada do poder Nkrumah formou o seu partido, o Convention People's Part cujo programa era a "Independência imediata" e "acção positiva" (greves boicotes e outras formas de pressão) para conseguir.

A posição de Nkrumah levou-o à confrontação com as autoridades inglesas. Em 1949 Nkrumah e seus colaboradores directos receberam ordem de prisão, mas o acto teve um efeito catalisador para a popularidade de Nkrumah. Assim nas eleições de 1951 o CPP obteve mais de metade dos assentos na nova Assembleia Legislativa. Tal como em 1948, o ministro das colónias e o governador inglês no território decidiram evitar conflitos, convidando Nkrumah e seu partido a ocupar a maior parte dos cargos ministeriais no Conselho Executivo.

Nkrumah e o governador Charles Arden-Clarke tiveram uma relação de cooperação num processo que culminou com a proclamação da independência do país a 6 de Março de 1957, passando o país a constituir mais um membro da Commonwealth e das Nações Unidas.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

O processo para a independência do Ghana iniciou nos finais da década de 1940, logo após a segunda guerra mundial, à luz das reformas constitucionais introduzidas pela metrópole.

Kwame Nkrumah, fundador e líder do Convention People's Part, após abandonar a Convenção Unitária da Costa do Ouro, onde era secretário-geral, foi o fundador do novo estado independente, o primeiro da África sub saariana.

Caro estudante, agora que ja concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. As manifestações na Costa do Ouro, em princípios de 1948, não foram respondidas por uma acção de força. A Inglaterra limitou-se a formar uma comissão de inquérito e agir de acordo com as recomendações desta.
 - Aponte duas razões que explicam esta atitude inglesa, que contrastava com o carácter violento do colonialismo.
2. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre a independência na Costa do Ouro
 - a) A Convenção Unitária da Costa do Ouro foi fundada em 1947, por Kwame Nkrumah e integrava importantes figuras da religião, dos negócios e outras áreas.
 - b) No seguimento das recomendações da comissão de inquérito, Danquah e seus seguidores aceitaram preparar uma nova constituição.
 - c) A entrada de Kwame Nkrumah no processo nacionalista deu-se quando Danquah decidiu convidá-lo, para o cargo de secretário-geral da Convenção Unitária da Costa do Ouro.
 - d) O Partido da Convenção Popular (Convention People's Part) foi formado por Nkrumah tendo como programa a "Independência imediata" e "acção positiva".
 - e) Em 1949 Nkrumah e seus colaboradores directos receberam ordem de prisão, por isso nas eleições de 1951 o CPP não obteve metade dos assentos na nova Assembleia Legislativa.
 - f) Na sequência das eleições de 1951, o ministro das colónias e o governador inglês convidaram Danquah e seu partido a maioria dos cargos ministeriais no Conselho Executivo.
 - g) Após a proclamação da independência do país a 6 de Março de 1957, passando o país a ser mais um membro da Commonwealth e das ONU, Nkrumah tornou-se primeiro presidente do país.

Guia de Correção

1.
 - O governo inglês considerava difícil enfrentar os nacionalistas africanos numa altura em que combatia uma revolta comunista na Malásia.



- A Inglaterra preferia a cooperação de um governo nacionalista moderado, em vez de arriscar-se a ser arruinado por ele.

2. a) F; b) V; c) V; d) V; e) F f) F; g) V

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Identifique as principais forças políticas ligadas a descolonização do Ghana
2. Analise as divergências entre Kwame Nkrumah e Danquah

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 6

O Gana Independente

Introdução

Ao ascender à independência em 1957, o Ghana tornava-se no primeiro país da África a sul do Saara a ascender à independência. Este facto tinha um amplo significado. Como é que seria gerido este novo quadro político tanto entre o movimento no poder e os outros derrotados nas eleições? Que relações seriam doravante estabelecidas entre o novo estado e a metrópole? Como iria o novo estado, os novos dirigentes, enfrentar o desafio de um novo percurso?

Estas são, pois, algumas questões que pretendemos dar resposta nesta lição. Preste atenção!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Analisar as relações entre as principais forças políticas da costa do Ouro.

Analisar a acção do governo do CPP para a edificação do novo estado.

O Gana Independente

O Período pós – Independência

A independência no Ghana trouxe para o país uma nova forma de estar, em que o país devia conviver com a diversidade política sendo encabeçado por uma força política nacional e não pelos europeus, enquanto outras forças políticas eram colocadas na oposição.

Ora, no contexto descrito, o período a seguir a independência do Ghana não foi de todo pacífico. Os partidos da oposição, derrotados nas eleições de 1957, não se conformaram e tentando reverter a situação decidiram fundir-se e formar o United party. Sob a liderança de um professor, o Dr Busia, a nova força política propunha-se lutar por uma organização federal e pelo respeito das autoridades tradicionais.

Considerando a nova força política uma ameaça à unidade nacional o governo do CPP desencadeou represálias contra o United party e propôs uma constituição republicana da Commonwealth. Nas eleições presidenciais de Agosto de 1960, Kwame Nkrumah obteve 77% e o seu concorrente, Danquah conseguiu 13%.



O novo governo de Nkrumah impôs um programa de austeridade orçamental que desagradou determinados círculos, pelo que a partir desse momento o Ghana foi sacudido por agitações sindicais e por actos de terrorismo urbano (atentados a bomba) e por atentados contra o presidente lançados pela oposição, entretanto ilegalizada.

Em 1963 o governo de Nkrumah concebeu um plano septenal (1963-1970) cujas linhas mestras eram:

- Adopção do sistema socialista como objectivo final do seu desenvolvimento económico e social;
- Construção de uma central hidroeléctrica, com capacidade de produzir 42 biliões de Quilowatts em Akosombo no Baixo Volta;
- Diversificação das actividades económicas para reduzir a dependência em relação ao cacau;
- Neutralismo positivo em relação aos dois blocos- socialista e capitalista;
- Oposição ao imperialismo, colonialismo e neocolonialismo;
- Defesa do pan-africanismo continental e orgânico

Três anos após lançar o seu programa septenal, em 1966, quando se encontrava em visita de estado a China, Nkrumah foi destituído através de um golpe de Estado militar, com fortes evidências de intervenção externa. Nkrumah morreu em 1972 na Guiné onde se exilou após o seu derrube.

Nas eleições de 1969, conquistou a vitória o Partido do Progresso do Dr Busia, que viria a ser deposto pouco depois, em 1972, através de novo golpe de Estado militar.

O novo partido que ascendeu ao poder, o National Redemption Council (NRC) lançou um programa de austeridade que propunha várias medidas:

- Desvalorização do cedi;
- Abandono da taxa para o desenvolvimento;
- Anulação de certas dívidas;
- Proibição de importação de bens de luxo, etc.

Tendo em vista reduzir as importações, foi lançada a política de auto-suficiência – *self reliance*, cuja pedra de toque era o *feed yourself*, o mesmo que dizer ***alimente-se a si próprio***.

A partir de 1973 a evolução do país é abalada pelos efeitos da crise do petróleo. Para superar os problemas daí resultantes, foi proclamada, em

1974, a *carta da redenção* que enunciava sete princípios de carácter moral, social e nacionalista. Em todas as regiões e distritos do país, foram instaladas ‘comissões da carta’ com a missão de aproximar as bases rurais ao grupo dirigente.

Paralelamente foi introduzida uma reforma administrativa, ainda em 1974, à luz da qual foram instituídos conselhos de distrito. Surgia, assim, uma rede que facilita o trabalho do regime, satisfaz o sentido democrático dos civis e garante a descentralização em oposição a centralização perseguida por Nkrumah e pelo CPP.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

O período pós-independência foi marcado por alguma instabilidade política, sobretudo resultante da contestação dos partidos derrotados ao novo governo.

Uma vez no poder Kwame Nkrumah e seu partido tentaram implantar um regime socialista, sustentado em programa de edificação de infraestruturas e de diversificação das actividades económicas. Politicamente optou-se por uma posição de neutralidade em relação aos blocos socialista e capitalista e a oposição ao colonialismo.

Nas eleições de 1969, sem o concurso de Nkrumah que fora derrubado por um golpe de estado, em 1966, saiu vencedor o Partido do Progresso do Dr Busia, que por sua vez foi derrubado em 1972, passando ao poder o National Redemption Council (NRC) que iniciou uma nova etapa virada para a descentralização em oposição a centralização proposta por Nkrumah.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Em 1963 o governo de Nkrumah concebeu um plano septenal (1963-1970). Assinale com um x as linhas mestras desse plano
 - a) Adopção do sistema socialista como objectivo final do seu desenvolvimento económico e social;
 - b) Desvalorização do cedi;
 - c) Construção de uma central hidroeléctrica, com capacidade de produzir 42 biliões de Quilowatts em Akosombo;
 - d) Diversificação das actividades económicas para reduzir a dependência em relação ao cacau;
 - e) Anulação de certas dívidas;
 - f) Proibição de importação de bens de luxo, etc.
 - g) Neutralismo positivo em relação aos dois blocos- socialista e capitalista;
 - h) Oposição ao imperialismo, colonialismo e neocolonialismo;
 - i) Defesa do pan-africanismo continental e orgânico
 - j) Abandono da taxa para o desenvolvimento;

Respostas

1. a) c) d) g) h) i)

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Analise as relações entre as principais forças políticas ganenses na pós-independência.
2. Explique a origem da agitação interna durante o governo de Nkrumah
3. Analise comparativamente o governo de Nkrumah e do NRC.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 7

O Caminho Para a Independência nos Territórios Franceses

Introdução

entretanto, viria a ser rejeitado num referendo dominado por eleitores da metrópole. Assim, a constituição da IV República aprovada em Outubro de 1946 não reflectia os interesses das colónias, na medida em que ao povo das colónias embora se atribuísse estatuto de cidadãos não se dava os mesmos direitos que os franceses da metrópole, o direito de cidadania era restrito, as eleições eram feitas em separado em círculos que davam maior influência aos franceses das colónias e alguns poucos africanos e a autonomia local estava aquém das expectativas.

A descolonização da África Ocidental Inglesa teve repercussões directas na política francesa. O caso mais evidente foi o da Togolândia, onde face aos acontecimentos na Costa do Ouro, os franceses tiveram que conceder Tal como se passou com a descolonização nas colónias inglesas, nos territórios franceses a descolonização ocorreu nos quadros da comunidade francesa e de uma solução neocolonial. A maioria dos territórios franceses na África Ocidental caminhou neste processo, à excepção da Guiné Conakri que não aderiu à comunidade. Veja a seguir o processo da descolonização na África Ocidental francesa e noutras colónias francesas em África.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

Analizar o papel da França de Charles de Gaulle no processo de descolonização da África.

Explicar o papel de Felix Boigny e do RDA na descolonização.



Objectivos

O Caminho Para a Independência nos Territórios Franceses

No período imediato a Segunda Guerra Mundial, a França vivia sob o abalo do movimento nacionalista nas suas colónias. Por um lado registavam-se insurreições na Argélia e na Indochina e por outro lado Marrocos e a Tunísia ascendiam à independência, em 1956, como resultado de movimentos independentistas aos quais foi obrigada a ceder.



A França não podia ficar indiferente a esses acontecimentos e, para tentar conter o movimento nacionalista nos restantes territórios aprovou, em 1956, uma "Lei- Quadro" e em Setembro de 1958, organizou um referendo sobre a “autonomia” das suas colónias, no quadro de uma “Comunidade Francesa”.

Este processo iniciou ainda durante a Segunda Guerra Mundial, quando sob a liderança do General Charles de Gaulle, realizou-se, em Brazaville, em 1944 uma conferência de funcionários coloniais que recomendou alterações na estrutura do império colonial, entre as quais se destacam as seguintes:

- Todos os súbditos das colónias deveriam tornar-se cidadãos franceses com direito a representatividade na Assembleia constituinte que tinha a tarefa de elaborar uma constituição para a França e para as colónias.
- Império devia ser um transformado numa União na qual as colónias deveriam partilhar uma parte das responsabilidades do seu governo através das assembleias eleitas.

Estas ideias foram integradas no projecto constitucional de 1946 que, autonomia em 1956 tendo se tornado República independente em 1960.

No final dos anos 1950 os franceses tentavam libertar-se dos problemas causados pelo recuo em relação às promessas feitas em Brazaville, através dum hábil aproveitamento da fraqueza política da IV República e pelo regresso de De Gaulle ao poder. Apesar das restrições, os africanos possuíam, agora, uma base legal para o exercício da actividade política e, embora em menor escala, estavam representados na assembleia francesa.

O contexto político dos anos 1940 permitiu a criação do RDA (Rassemblement Democratique Africain) ao qual estavam ligados todos os líderes políticos das colónias e cooperava com o Partido Comunista Francês. Esta aliança dos nacionalistas africanos com os comunistas da metrópole, provocou a hostilidade das autoridades francesas que, através dos seus administradores em África quase eliminaram o RDA entre 1948 e 1950.

Sob a liderança de Félix Houphouët-Boigny desde a sua fundação, nos anos 50 o RDA mudou a sua estratégia que consistia em apoiar os governos que se propunham a fazer concessões a favor das colónias. O quadro político francês nos anos 50 tornava o apoio do RDA importante para a manutenção de qualquer governo pelo que Boigny e outros africanos começaram a beneficiar de nomeações ministeriais.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

Respondendo a onda de descolonização ora, em curso, a França iniciou ainda em plena Segunda Guerra Mundial uma série de acções que culminariam com a independência das colónias francesas. Dessas acções constam a Conferência de Brazaville em 1944, a aprovação de uma lei-quadro em 1956 e a realização de um referendo em 1958.

A criação de uma base legal para o exercício da actividade política permitiu a criação de forças políticas com destaque para o RDA (Rassemblement Democratique Africain) cuja acção abriu espaço que os africanos comesçassem a beneficiar de nomeações ministeriais na França.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Logo a seguir a Segunda Guerra Mundial, a França vivia sob o abalo do movimento nacionalista nas suas colónias. Assinale os acontecimentos que revelam esse ambiente.
 - b) Aprovação, em 1956, da "Lei- Quadro"
 - c) Insurreições na Argélia e na Indochina
 - d) Independências de Marrocos e Tunísia, em 1956, como resultado de movimentos independentistas.
 - e) Referendo sobre a “autonomia” das suas colónias, no quadro de uma “Comunidade Francesa”, em Setembro de 1958

2. Assinale com um ✓ a afirmação que melhor completa a frase “a constituição da IV República aprovada em Outubro de 1946 não reflectia os interesses das colónias, pois...”
 - a) A descolonização da África Ocidental Inglesa teve repercussões directas na política francesa.
 - b) Ao povo das colónias embora se atribuísse estatuto de cidadãos não se dava os mesmos direitos que os franceses da metrópole; o direito de cidadania era restrito, as eleições eram feitas em separado em círculos que davam maior influência aos franceses das colónias e alguns poucos africanos e a autonomia local estava aquém das expectativas.
 - c) Todos os súbditos das colónias deveriam tornar-se cidadãos franceses com direito a representatividade na Assembleia constituinte que tinha a tarefa de elaborar uma constituição para a França e para as colónias.
 - d) Apesar das restrições, os africanos possuíam, agora, uma base legal para o exercício da actividade política e, embora em menor escala, estavam representados na assembleia francesa.

Avaliação



Avaliação

1. Exponha as principais recomendações da Conferência de Brazaville.
2. Porque é que autoridades francesas tentaram eliminar o RDA entre 1948 e 1950.
3. Caracterize a acção política de Hophuet Boigny a partir dos anos 1950.

Lição 8

A “Lei-quadro” e a Independência das Colónias Francesas

Introdução



Objectivos

Uma das principais acções no contexto da descolonização dos territórios franceses foi a aprovação de uma lei-quadro. Nesta lição propomos, caro aluno, um breve relance sobre esta importante realização ligada a descolonização da África francesa. Iremos igualmente fazer uma abordagem sobre o processo de descolonização nas diferentes colónias.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

Explicar a posição das diferentes colónias face a lei-quadro.

Analisar o papel de Charles de Gaulle na descolonização dos territórios franceses.

Explicar o posicionamento das diferentes colónias em relação a comunidade francesa.

Analisar o impacto da posição da Guiné no processo de descolonização da África francesa.

A “lei-quadro” de 1956 e a Viragem

No contexto da evolução do nacionalismo a França foi um dos países que se esforçou por uma solução neocolonial tentando liderar a ascensão das respectivas colónias à independência, através do estabelecimento de um quadro legal que permitisse uma transição gradual com a salvaguarda dos interesses económicos franceses nas ex-colónias.

Pois bem no seguimento das concessões a favor dos africanos, iniciadas com a Conferência de Brazaville de 1944, em 1956 foi aprovada uma lei-quadro à luz da qual foi estabelecida, em cada colónia, uma assembleia eleita localmente com poderes sobre a política e as finanças.

No Senegal o RDA nunca foi muito forte, pois, em vez de uma acção conjunta das colónias francesas rumo a independência, os eleitores preferiam uma opção mais independente, com Leopold Senghor à cabeça. Segundo Senghor, a lei-quadro dividia as federações da África Ocidental e da África Equatorial em territórios isolados e incapazes de fazer face às pressões da França.



Sendo o Senegal a base de todos os serviços federais na África Ocidental, este país sentia-se prejudicado com a implementação da lei-quadro, pois perdia a sua influência sobre os territórios que antes integravam a federação. A ideia de que a lei-quadro era desvantajosa para os interesses dos africanos foi também sustentada por Ahmed Sekou Touré, um influente líder sindical na Guiné Francesa (Guiné Conacri).

Em 1958 a tendência de evolução nas colônias francesas alterou-se. De Gaulle que tinha retomado o poder, decidiu tomar algumas posições sobre as colônias. Rompeu com a tradicional ideia de que as colônias eram possessões francesas, propôs uma alteração constitucional para acomodar a criação de uma comunidade francesa. Em Setembro de 1958 a nova constituição foi a referendo para que cada colónia decidisse entre integrar a comunidade e a independência fora dela.

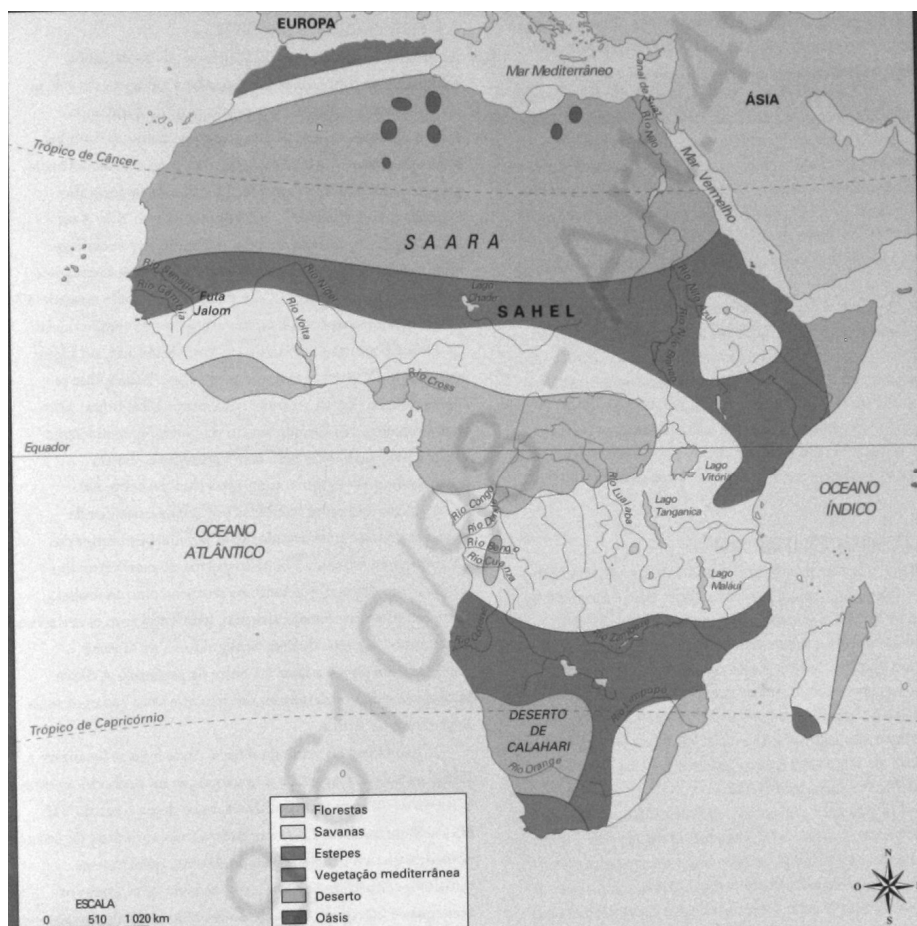
Todas as colônias votaram na comunidade excepto a Guiné que, por influência de Sekou Touré, votou contra a comunidade, optando pela independência. Neste contexto a Costa do Marfim, o Níger, o Alto Volta e o Daomé decidiram formar a “*União Sahel-Benin*” e, mais tarde, o “*Conselho do Entendimento*”, enquanto o Senegal se unia ao “Sudão Francês” para formar a “*Federação do Mali*”. Estas uniões não duraram muito tempo e a França, em 1960, reconheceu a independência da maioria das suas colônias africanas.

A decisão da Guiné de se opor a comunidade francesa levou a que a França retirasse todo o seu apoio material e humano. Entretanto, e contra as expectativas da França, a Guiné conseguiu sobreviver, pois teve de imediato o apoio do Gana e sobretudo dos países comunistas da Europa e Ásia.

O sucesso da Guiné estimulou outros estados integrados a comunidade a lutar pela sua independência. Inicialmente o Senegal e Sudão Francês formaram, em 1959, a Federação do Mali. Pouco depois o seu pedido para a independência total foi aceite pela França. Como resultado, em 1960 a Federação desfez-se, dando lugar a países independentes – Senegal e Mali.

Na origem da separação estavam as profundas diferenças entre os líderes dos dois estados à volta das prioridades do futuro eram muito grandes. Enquanto o senegal queria manter o auxílio francês, o Mali aspirava uma evolução mais autónoma que lhe permitisse desenvolver o interior, mais pobre. Após a dissolução da Federação do Mali, os outros territórios perceberam como a comunidade era desnecessária e começaram a negociar a sua independência legal e completa.

Embora a França tenha privilegiado a via neocolonial para enfrentar o nacionalismo africano, a Argélia pretendia um caminho mais célere e não o gradualismo previsto pela Constituição francesa. Assim o país, sob a liderança da *Front de Libération Nationale* ou FLN iniciou uma





sublevação armada que depois de 8 anos, forçou o governo francês, dirigido pelo general Charles de Gaulle, a entrar em conversações com aquele movimento independentista e conceder a independência do país.

O Djibouti foi uma das colónias francesas que decidiu, em 1958, manter-se na “Comunidade Francesa” mas, devido a problemas de governação, a população local começou a manifestar-se a favor da independência. Depois de um novo referendo, em 1977, o Djibouti tornou-se um país independente.

Nas Comores, a história foi semelhante, mas com uma declaração unilateral de independência, em 1975, que foi reconhecida no mesmo ano, mas que não abrangeu a ilha Mayotte, onde a população votou por manter-se como um território francês.

A ilha da Reunião é igualmente um departamento francês, governando, para além da ilha principal, várias outras ilhas que são reclamadas por Madagáscar e Maurícias.

Apesar da independência, todos os estados do antigo império francês continuaram a receber o apoio da ex-metrópole excepto Guiné e Mali pela orientação política que adoptaram a Costa do Marfim e Gabão que tinham conseguido uma considerável autonomia.

Resumo da Lição



Resumo

Tendo optado por uma solução neocolonial, a França estabeleceu um quadro legal para uma transição gradual das colónias à independência salvaguardando os interesses económicos franceses nas ex-colónias.

A lei-quadro não colheu consenso de todas as colónias. O Senegal e a Guiné Conacri consideravam a lei-quadro desvantajosa para os africanos.

O caminho para a descolonização ganhou novo rumo com o retorno do general de Gaulle ao poder, que rompeu com a ideia de que as colónias eram possessões francesas e propôs uma nova constituição para acomodar a criação de uma comunidade francesa e que foi a referendo em 1958.

Todas as colónias votaram na comunidade excepto a Guiné, de Sekou Touré, que votou pela independência. Costa do Marfim, Níger, Alto Volta e Daomé formaram a “União Sahel-Benin” e, mais tarde, o “Conselho do Entendimento”, enquanto Senegal formou com o “Sudão Francês” a “Federação do Mali”. Estas uniões duraram pouco tempo pois em 1960 a França, reconheceu a independência da maioria das suas colónias.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Assinale com um ✓ as afirmações correctas sobre a descolonização nos territórios franceses
 - a) Tal como acontecia na Costa do Marfim, também no Senegal, o RDA era foi muito forte e foi o pilar do movimento nacionalista.
 - b) Para L. Senghor, a lei-quadro dividia as federações da África Ocidental e da África Equatorial em territórios isolados e incapazes de fazer face às pressões da França.
 - c) O Senegal, de L. Senghor e a Guiné, com Ahmed Sekou Touré à cabeça consideravam a lei-quadro desvantajosa para os interesses dos africanos.
 - d) Todas as colónias francesas votaram a favor de uma comunidade francesa excepto a Guiné e o Senegal que optaram pela independência.
 - e) A decisão da Guiné de se opor a comunidade francesa levou a França a retirar todo o seu apoio material e humano mas a Guiné conseguiu sobreviver, pois teve de imediato o apoio do Gana e sobretudo dos países comunistas da Europa e Ásia.
2. No âmbito da lei-quadro e da comunidade francesa formaram-se a “*União Sahel-Benin*” e a “*Federação do Mali*”.
3. Embora a maioria das colónias francesas tenham proclamado sua independência alguns territórios, preferiram manter-se franceses.
 - a) Concorda com a afirmação?
 - b) Se sim, indique os territórios que votaram por continuar franceses

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Analise a posição do Senegal diante da lei-quadro
2. No referendo de 1958 todas as colónias votaram a favor da comunidade excepto a Guiné que, optou pela independência.
 - Explique a reacção da França face a posição da Guiné no referendo
3. Analise o percurso da Argélia rumo a independência

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 9

A Independência do Congo

Introdução

Como já foi referido em lições anteriores, a Bélgica assumiu, diante do incremento do movimento nacionalista uma posição pouco flexível conduzindo a necessidade da luta armada para a conquista da independência. Para uma análise, vamos, ao longo desta lição, estudar como foi conduzida a dominação colonial no Congo bem como a emergência dos sentimentos nacionalistas naquele país. Preste atenção!



Objectivos

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

Caracterizar a acção do estado colonial no congo.

Identificar as principais acções nacionalistas no Congo.

Mencionar os principais mentores do nacionalismo no Congo.

Explicar os factores da emergência do nacionalismo no congo.

Independência do Congo

O Congo Durante o Período Colonial

A História do Congo Belga desde a Segunda Guerra Mundial é a História de uma descolonização há longo tempo falhada.

A política colonial belga fez do Congo a colónia mais avançada do que muitas outras sob certos aspectos. O Congo era considerado, mais ou menos, uma propriedade da família real, em cujas zonas mais salubres os europeus se podiam instalar e criar raízes. Como resultado dessa política, em 1960 existia um número bastante considerável de colonos belgas.

A nível da economia o país tinha iniciado um desenvolvimento industrial raro em África, graças a acção vigorosa de sociedades financeiras das quais se destacavam as seguintes:

- A Unilever – que desenvolvia as suas actividades nas zonas florestais e no Kivu;



- A Forminière – com concessões no Kassai;
- A Société Générale de Belgique - que actuava no Baixo Congo e;
- A Union Minière du Haut-Katanga – com concessões na região do katanha.

Graças a acção destas companhias o Congo destacou-se na produção de vários minérios com destaque para:

- Urânio – maior produtor mundial;
- Cobalto – 63% da produção mundial;
- Diamantes – 75% da produção mundial;
- Cobre – 8,5% do total mundial
- Zinco – 4,3%

Entretanto, a produção mineira estava unicamente virada ao escoamento de produtos em bruto para a Bélgica. Portanto não beneficiava o Congo.

A grande massa de camponeses africanos vivia da sua economia de subsistência baseada nas culturas tradicionais. Era uma economia com uma estrutura bastante concentrada.

O Comité spécial du Katanga formado pela Société Générale de Belgique e pela Union Minière du Haut-Katanga, controlava mais de metade das exportações do país. Entretanto, depois da Bélgica e das companhias, o congo obtinha algum benefício das riquezas do país.

A nível político o envolvimento dos africanos era nulo. O sistema político belga, considerado paternalista, implicava a subordinação do congolês sem quaisquer perspectivas de mudança. Porém, a urbanização, imposta pela industrialização levou a um êxodo rural que paulatinamente tornou cada vez mais difícil o controlo da população africana. Se em 1938 onze em cada doze africanos viviam nas áreas rurais, em 1960 apenas sete viviam no campo, ou seja 40% dos africanos viviam nas cidades.

A Actividade Política dos Nacionalistas

A fixação progressiva de africanos nas cidades, criou condições para uma progressiva elevação da consciência política. Nas cidades, começaram a surgir clubes de evoluídos, círculos de estudo e associações de antigos alunos cujos membros apresentavam um modelo de vida europeu.

Essas associações formadas com o pretexto de estabelecer o convívio entre os seus membros, criaram a ilusão de uma promoção a nível da civilização. Em geral surgiram, depois da Segunda guerra Mundial, e

constituíram embriões do movimento nacionalista, particularmente alimentado pelo ambiente de discriminação imposto pela colonização.

Se, internamente, o jugo colonial tinha despertado a consciência nacionalista, o catalisador da explosão política, veio de fora.

Veja, a seguir, alguns acontecimentos que levaram à explosão política no Congo.

Em 1955, o rei belga Baudouin visitou o Congo e apresentou em Leopoldville (hoje Kinshasa) um discurso assimilacionista que defraudou as expectativas dos nacionalistas.

No mesmo ano o professor belga Van Bilsen, propôs um plano para a independência da África belga, num período de 30 anos que devia começar com a formação de quadros e o estabelecimento, no futuro, de um sistema federal. Este plano apresentado por um intelectual despertou grande efervescência entre os nacionalistas.

Foi assim que 1956 o padre Joseph Maloua, com apoio de Joseph Iléo fundou o Conscience Africaine cujo manifesto lançou o manifesto assentava na abolição da discriminação racial, no reconhecimento da personalidade africana e no direito dos africanos à expressão cultural e política.

Por seu turno a Association du Bas-Kongo (Abako) presidida por Joseph Kasavubu, criticou a Conscience Africaine por não apresentar os meios práticos pelos quais pretendia alcançar os seus intentos e defendeu uma emancipação política num contexto federal e através da constituição de partidos políticos congoloses.

1957 é o ano da independência do Gana e da aplicação da lei quadro francesa para os territórios do ultramar. Acompanhando essa dinâmica, a Bélgica organizou a primeira eleição popular nos principais centros do Congo e do Ruanda – Urundi a fim de constituir municípios europeus e africanos cujos burgomestres seriam indicados pelo governador. Este exercício, despertou os africanos para o desejo de independência.

1958 foi um ano crucial para o movimento nacionalista congolês devido a combinação de diversos factores:

- A Exposição Universal de Bruxelas – os congoleses se reconheceram em algumas salas do pavilhão onde estavam instalados os africanos, além de terem tomado contacto com o resto do mundo, particularmente com outros africanos. A exposição produziu uma mutação no espírito de muitos dos congoleses, confirmava-se a a consciência de uma situação de inferioridade e a vontade de agir.
- A visita do General De Gaulle em Brazaville, no Congo francês, para anunciar a independência teve repercussões imediatas em Leopoldville, no Congo Belga. De imediato os dirigentes políticos congoleses se juntaram para assinar uma petição ao ministro do Congo reclamando um plano gradual de independência do país;



- Conferência Pan-africana dos povos em Acra, Gana, na qual a delegação congoleza era composta por membros do Mouvement National Congolais (MNC) liderada por Patrice Lumumba.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

O Congo era uma propriedade da família real belga, na qual, em 1960 existia um número bastante considerável de colonos belgas.

A economia registou um alto desenvolvimento industrial, graças a acção de sociedades financeiras como a Unilever, a Forminière, a Société Générale de Belgique e a Union Minière du Haut-Katanga.

A produção mineira estava unicamente virada ao escoamento de produtos em bruto para a Bélgica, não beneficiando o Congo, enquanto a maioria dos camponeses africanos vivia da sua economia de subsistência.

O sistema político belga, assentava na subordinação do congolês sem quaisquer perspectivas de mudança. Porém, a industrialização levou a um êxodo rural que se reflectiu num grande aumento da população africana nas cidades.

O aumento da população africana nas cidades levou a uma progressiva elevação da consciência política. Inicialmente surgiram clubes de evoluídos, círculos de estudo e associações de antigos alunos que se tornaram embriões do movimento nacionalista.

Mais tarde surgiram organizações políticas como o Conscience Africaine de Joseph Iléo, a Association du Bas-Kongo (Abako) presidida por Joseph Kasavubu Mouvement National Congolais (MNC) liderado por Patrice Lumumba.

Entre 1957 e 1958 assistiu-se a um notável movimento dos nacionalistas tais como a primeira eleição popular nos principais centros do Congo e do Ruanda –Urundi, a Exposição Universal de Bruxelas, a visita do general De Gaulle em Brazaville e a Conferência Pan-africana dos povos em Acra, Gana.

Caro *estudante*, agora que já concluiu o estudo desta lição, vá em conjunto resolver as questões que *lhe* são colocadas a seguir:

**Actividades**

1. Assinale com um ✓ os aspectos que caracterizam a política colonial no Congo
 - a) O Congo desenvolveu como uma colónia de povoamento na qual existia um número bastante considerável de colonos belgas.
 - b) A economia colonial esteve assente na acção de sociedades financeiras como a Unilever, a Forminière, etc., que permitiram ao Congo um desenvolvimento industrial raro em África.
 - c) O desenvolvimento do Congo permitiu uma melhoria da vida dos camponeses africanos que deixaram de depender apenas da sua economia de subsistência baseada nas culturas tradicionais.
 - d) Mesmo depois da Bélgica e das companhias, o congo não obtinha nenhum benefício das riquezas do país.
 - e) O sistema político belga, permitia a abertura da vida política aos congoleses com grandes perspectivas de mudança.
2. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre os factores do nacionalismo no Congo
 - a) A urbanização, estimulou a consciência política porque nas cidades, surgiram clubes e associações, que se tornaram embriões do movimento nacionalista.
 - b) As associações protonacionalistas no Congo foram formadas já com posições anti-coloniais.
 - c) O jugo colonial despertou a consciência nacionalista, mas o principal catalisador da explosão política, veio de fora.
3. Assinale com um ✓ as figuras que lançaram as bases do nacionalismo congolês.
 - a) Pe. Joseph Maloula e Joseph Iléo, fundadores do Conscience Africaine.
 - b) Rei Baudouin defensor de uma política assimilacionista para o Congo.
 - c) Van Bilsen, autor de um plano para a independência da África belga, num período de 30 anos.
 - d) Joseph Kasavubu presidente da Association du Bas-Kongo (Abako).

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Caracterize a economia colonial no Congo.
2. Relacione a urbanização com a emergência do nacionalismo no Congo
3. Assinale com um ✓ os que em factores 1958 contribuíram para o incremento do nacionalismo no Congo.
 - a) A independência do Gana
 - b) A Exposição Universal de Bruxelas
 - c) A visita do General De Gaulle a Brazaville, no Congo francês, para anunciar a independência.
 - d) A formação de uma frente comum de todos dirigentes e movimentos políticos congoleses.
 - e) Conferência Pan-africana dos povos em Acra, Gana, na qual a delegação congolesa era liderada por Patrice Lumumba.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 10

A Independência do Congo

Introdução

Os progressos do movimento nacionalista na década de 1950 criaram condições para o avanço do país rumo a independência. Nesta fase da resistência merecerá particular destaque o papel de Patrice Lumumba cuja acção levou a independência do país. Entretanto a lição levará também a uma abordagem sobre os conflitos no seio do movimento nacionalista, que neste caso foram particularmente graves.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Descrever os acontecimentos que desencadearam as manifestações nacionalistas no final da década de 1950.

Explicar o papel de Patrice Lumumba na luta pela independência.

Descrever os problemas da pós-independência.

Identificar as linhas mestras da governação de Mobuto Sese Seku.

Independência do Congo

O Papel de Patrice Lumumba

Após concluir os estudos primários e empregar-se como empregado dos correios, Lumumba iniciou, através de artigos publicados em jornais a crítica ao colonialismo, advogando a igualdade entre africanos e belgas.

Na sua intervenção na conferência de Acra, Lumumba deixou vincadas as suas ideias, que aliás viriam a constituir o seu programa de luta, ao dar vivas a nação congoleza e a África Independente e dizer abaixo ao imperialismo ao colonialismo ao racismo e ao tribalismo.

Já de volta ao Congo, Lumumba reivindicou a independência imediata.

Em Janeiro de 1959, eclodiu em Leopoldville (Kinshasa) uma revolta encabeçada pelo proletariado urbano que via na independência a única saída para os problemas sociais e políticos com que a colónia se debatia.

O balanço oficial dos tumultos indicava 49 mortos e 116 feridos graves dos quais se contavam 15 europeus. Apesar do rescaldo negro, que incluía ainda a prisão de alguns chefes políticos locais, o rei Baudouin reconheceu, num discurso a 13 de Janeiro de 1959, que a independência era o único fim do processo político em curso. Para consubstanciar essa ideia prometeu a independência para o Congo, cujos passos iniciais seriam a criação de um parlamento congolês eleito por sufrágio indirecto e a integração racial

Pouco depois iniciavam as negociações para a independência, numa mesa-redonda belgo-congolesa, especialmente convocada para o efeito em Bruxelas. Desse encontro deviam participar todos os líderes políticos, por isso Lumumba que fora preso nos tumultos de Novembro de 1959, foi libertado especialmente para o efeito.

Para este encontro colocavam-se duas questões fundamentais:

1. Calendário da descolonização e;
2. A Constituição do novo Estado.

Em relação ao calendário, não houve grandes discussões pois, a Bélgica teve uma reviravolta admirável acelerando o processo e fixar a data da independência para 30 de Junho.

Quanto ao estatuto constitucional existiam duas posições antagónicas:

- Federalismo defendido por Kasavubu – em que se propunha a existência de Estados federais fortes que tivessem à cabeça um poder central moderado;
- Estado unitário, defendido por Lumumba



Joseph Kasavubu

As discussões em torno desta matéria terminaram com a adopção de uma fórmula intermédia em que se ficava por um Estado republicano no qual existiram um poder central forte e seis governos provinciais. Paralelamente foi adoptada uma lei fundamental que devia vigorar até ser votada uma Constituição para o país.

Entretanto o quadro preparado para a independência apresentava duas fissuras bastante perigosas para o futuro país independente. Ora veja, caro aluno: o Banco Central do Congo continuava nas mãos da Bélgica e o país não dispunha de quadros suficientes para tomar de imediato dos destinos do país.

Em Maio de 1960 tiveram lugar as eleições para a Assembleia Nacional nas quais o MNC de Patrice Lumumba saiu vitorioso. Lumumba foi nomeado chefe do Governo em coligação com Swendé, de origem balubakat e Iléo, da etnia Bângala. Joseph Kasavubu foi eleito presidente. A 30 de Junho foi proclamada a independência.

A Crise do Pós-Independência e a Separação de Catanga

O novo Estado enfrenta de imediato problemas graves que irão condicionar a evolução posterior do país. Senão vejamos...

- Entre os integrantes da liderança do país nenhum deles tinha experiência de gestão administrativa, se não a liderança de algumas associações, portanto a um nível bastante limitado;
- A coesão entre os membros desta liderança era quase nula. Cada um deles, além de se identificar com o seu próprio grupo étnico –tribal, tinha convicções políticas próprias.
- As forças centrífugas lideradas por Moses Tchombé (do Catanga) e A. Kalondji (do Kasai) continuavam bastante fortes.

Neste contexto, poucos dias após a independência a força pública revoltou-se. A violência criou pânico entre a população branca, agravado pela promoção de alguns africanos a oficiais superiores. Instalou-se o caos e o país ficou paralisado.

Na tentativa de encontrar uma solução para a crise, a Bélgica lançou paraquedistas para controlar as principais cidades, enquanto os principais líderes do país, Patrice Lumumba e Joseph Kasavubu, decidiram pedir o auxílio das Nações Unidas. Entretanto o momento foi aproveitado por Moses Tchombé, apoiado pelos colonos do Catanga e pelo Ministro do Interior Godefroy Munongo para proclamar a independência do Catanga. Isso aconteceu a 11 de Julho, passava pouco mais de um mês após a proclamação da independência. Pouco tempo depois a província do Kasai seguiu o exemplo de Catanga liderada por Kalondji.

A intervenção da ONU, dos governos africanos, soviético, americano, belga, bem como dos interesses económicos no país não conseguiram amainar o ambiente. Lumumba e Kasavubu envolveram-se em lutas pelo poder, situação que foi aproveitada por um grupo de oficiais para levar ao poder o coronel Joseph Mobutu que decidiu mandar prender os dirigentes políticos e formar um governo de técnicos constituído pelos poucos jovens universitários que o país dispunha. As forças armadas das diferentes regiões (Stanleyville, Catanga, Kasai, Kivu, Kwilu, etc.) protagonizam confrontos sangrentos que envolviam as tropas congoleesas e os capacetes azuis.

Foi no meio desse ambiente que em Janeiro de 1961 quando tentava regressar a sua cidade – Stanleyville – Lumumba foi preso pelas autoridades de Leopoldville e entregue aos catanguenses que o assassinaram.

Depois de acções diplomáticas pouco conseguidas entre 1961 e 1963, que incluem de permean a morte do secretário-geral da ONU num acidente de aviação a caminho do Congo para negociações, a sessão do Catanga iria terminar em Janeiro de 1963 na sequência de uma intervenção militar da ONU.

Em 1964 Kasavubu indica Tchombé para seu primeiro-ministro e, com apoio militar americano-belga, consegue reduzir o perigo de uma rebelião armada. Só que pouco depois Tchombé e Kasavubu entra em colisão pelo que o exército indicou Joseph Mobutu para presidente da República.



Mobutu Sese Seku

Após a eliminação das bolsas de resistência, da morte de Tchombé e Kasavubu, e ainda do afastamento dos velhos concorrentes políticos de Mobutu (detidos ou envolvidos em negócios abandonando a política) ficou aberto o caminho para a acumulação ilimitada de poder por Mobutu.

Veja alguns dos principais momentos da ascensão do poder de Mobutu:

- Em 1966 – nacionalização da Union Minière;
- 1967 – Reforma monetária para estabilizar a moeda nacional e elevar a reputação do Zaire no mundo;
- 1970 - No culminar de uma reforma política de grande envergadura, o Mouvement Populaire de la Revolution (MPR) controla a vida política nacional tornando-se em partido único. A ideologia deste partido passa a ser resumida na palavra “*autenticidade*” que pressupõe encarar os problemas de frente e dar-lhes soluções adequadas com base nos próprios recursos. É esta ideia que está na origem de uma autêntica “balbúrdia” no vocabulário e nos nomes

das pessoas – Joseph Mobutu passa a chamar-se Mobutu Sese Seku, o Congo para a ser Zaire, Leopóldville passa para Kinshasa, etc. Tudo autêntico, originariamente local.

- 1972 – o governo e a comissão executiva do MPR fundem-se para formar um Conselho Executivo Nacional, cujos comissários de Estado eram dotados de funções ministeriais;
- 1974 – revisão constitucional atribui ao chefe de Estado a chefia do Conselho Executivo Nacional, a presidência do Conselho Legislativo Nacional, a chefia do poder judicial e das forças armadas
- 1975 – Instituída a Comissão Permanente do Secretariado Político do MPR.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

A ação nacionalista de Lumumba iniciou, através da publicação de artigos em jornais criticando o colonialismo e defendendo a igualdade entre africanos e belgas, ideias que iria vincar na sua intervenção na conferência de Acra.

A revolta de Janeiro de 1959, em Leopoldville (Kinshasa), embora com um balanço negro, forçou o rei belga a reconhecer a independência como único fim do processo político em curso e prometeu a independência para o Congo.

Nas eleições de 1960 Patrice Lumumba saiu vitorioso e formou Governo com Swendé, de origem balubakat e Iléo, da etnia Bângala. Joseph Kasavubu foi eleito presidente. A 30 de Junho foi proclamada a independência.

O novo Estado enfrenta de imediato problemas graves que culminaram com a sesseção do Catanga, a 11 de Julho, pouco mais de um mês após a proclamação da independência. Pouco depois a província do Kasai seguiu o exemplo de Catanga. Em Janeiro de 1961 Lumumba foi preso e assassinado pelos catanguenses.

A sesseção do Catanga terminou em Janeiro de 1963 na sequência de uma intervenção militar da ONU e em 1964 Kasavubu indica Tchombé para seu primeiro-ministro e, consegue reduzir o perigo de uma rebelião armada, mas os dois entram em colisão e o exército indicou Joseph Mobutu para presidente da República.

Caro estudante, agora que ja concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. No meio das diversas organizações e líderes nacionalistas congolesas, Patrice Lumumba sustentava um ponto de vista próprio sobre a descolonização.
 - Explique a posição de Patrice Lumumba sobre a descolonização do Congo
2. Na mesa-redonda belgo-congolesa, convocada para discutir a independência do Congo foram discutidas o calendário da descolonização e a Constituição do novo Estado.
 - Analise o posicionamento dos diferentes movimentos políticos africanos em torno da Constituição do novo estado.
3. Uma vez no poder, Mobutu esmerou-se para aumentar ilimitadamente o seu poder.
 - Concorda com a afirmação? Justifique a sua resposta.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

Descrever os acontecimentos que desencadearam as manifestações nacionalistas no final da década de 1950.

1. Assinale com um ✓ as ideias políticas de Patrice Lumumba, que constituíram o seu programa de luta.
 - a) Independência do Congo e da África e o fim do imperialismo, do colonialismo, do racismo e do tribalismo.
 - b) Crítica ao colonialismo através de artigos publicados em jornais, advogando a igualdade entre africanos e belgas
 - c) Realização de uma conferência internacional sobre a descolonização, em Acra.
 - d) Revolta encabeçada pelo proletariado urbano que via na independência a única saída para os problemas da colónia.
2. As negociações para a independência do Congo o ponto em que não se obteve consenso e resolveu-se com adopção de uma solução intermédia foi:
 - a) Calendário da descolonização e;
 - b) Cosntituição do novo Estado.
 - c) Calendário da descolonização e Cosntituição do novo Estado.
 - d) A divisão do poder entre os principais líderes
3. Assinale com ✓ as principais lacunas no processo de descolonização do Congo
 - a) A existência de duas posições antagónicas no estatuto constitucional do novo país que eram o federalismo defendido por Kasavubu e o Estado unitário, defendido por Lumumba
 - b) Adopção de uma fórmula intermédia prevendo um Estado republicano com um poder central forte e seis governos provinciais.
 - c) O controlo do Banco Central do Congo pela Bélgica e a ausência de quadros suficientes.
 - d) A inclusão, no governo de personalidades de diversas origens

étnicas Patrice Lumumba, Swendé (de origem balubakat), Iléo (Bângala) e Joseph Kasavubu.

4. Assinale com umas V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre os problemas que o Congo enfrentou logo após a independência.
- a) Na altura da independência nenhum dos integrantes da liderança do país tinha experiência de gestão administrativa.
 - b) A liderança do novo estado era bastante forte e unida mas os problemas sociais e económicos eram insuperáveis.
 - c) No novo estado cada um dos membros da liderança do novo estado identificava-se com o seu próprio grupo étnico – tribal e tinha convicções políticas próprias.
 - d) A independência chegou quando as forças que se opunham à união, lideradas por Moses Tchombé (do Catanga) e A. Kalondji (do Kasai) continuavam bastante fortes.
 - e) A Bélgica lançou paraquedistas para controlar as principais cidades, enquanto os principais líderes do país, Patrice Lumumba e Joseph Kasavubu, decidiram pedir o auxílio das Nações Unidas.
 - f) Logo após a independência Patrice Lumumba foi preso pelas autoridades de Leopoldville e entregue aos catanguenses que o assassinaram.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 11

A Independência na África Central Britânica

Introdução

Os territórios África central, nomeadamente Niassalândia, a Rodésia do norte e Rodésia do sul, estiveram sob domínio britânico e, como tal, o seu percurso rumo a independência foi conduzido nos termos da política inglesa sobre a matéria. Entretanto algumas particularidades locais, como a forte presença colona na Rodésia do sul ditou um percurso relativamente diferente. Siga atenciosamente a presente lição para ver como o processo de independência nesta região da África.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Descrever a evolução política na África central durante o período da federação.

Explicar a posição da Inglaterra face ao nacionalismo africano.

Distinguir o percurso para a independência na Rodésia do norte e Niassalândia do da Rodésia do Sul.

Mencionar as principais figuras do nacionalismo na Rodésia do norte e Niassalândia.

A Independência na África Central Britânica

A África central nos anos 1950 e princípios de 60

Para a Inglaterra os principais problemas com a descolonização surgiram nos territórios onde a população colona gozava de alguma autonomia em relação à metrópole, particularmente na Rodésia do Sul, hoje Zimbabwe.

Desde 1953 a Rodésia do Sul, Rodésia do Norte (Zâmbia) e Niassalândia (Malawi) tinham sido integrados numa federação como forma de rentabilizar os recursos dos três territórios e reduzir os encargos de administração. Entretanto, as diferenças entre os colonos da Rodésia do sul e a metrópole sobre a atitude a tomar em relação ao crescimento do movimento nacionalista conduziram ao fim da Federação dez anos após a sua criação.



Com o aprofundamento das reivindicações nacionalistas nos três territórios, a Inglaterra dispôs-se a seguir a sua prática noutros territórios, conduzindo as colónias à independência. Na África central esta pretensão esbarrou na oposição dos colonos brancos da Rodésia do Sul, que defendiam uma acção de força para eliminar o movimento nacionalista. Na sequência destes desentendimentos a Rodésia do Sul abandonou a Federação. Em Outubro de 1963 era declarado o fim da federação das Rodésias e Niassalândia.

Após a dissolução da Federação, a Grã-bretanha encetou negociações com os movimentos da Rodésia do Norte e da Niassalândia que permitiram que estes territórios chegassem à independência. Em 1964 os dois territórios proclamaram a sua independência da Grã-bretanha, tendo Kenneth Kaunda e Hastings Kamuzo Banda a frente dos destinos da futura Zâmbia e Malawi respectivamente.

Na Rodésia do Sul onde os colonos brancos já tinham proclamado o auto governo desde 1923 e praticavam um controle político-administrativo com fundamento racista, o processo foi mais complicado.

Os colonos da Rodésia do Sul sempre acreditavam que era possível pôr fim ao movimento nacionalista com recurso à força, pelo que a ideia de concessões a favor dos africanos estava fora de hipótese. Não tendo chegado a entendimento com a metrópole os colonos decidiram unilateralmente proclamar-se independentes da Grã Bretanha em 1965.

O novo governo decidiu então levar avante a materialização do seu pensamento em relação aos nacionalistas africanos. A independência só viria a ser proclamada em Abril de 1980 após longo período de luta armada.

No Malawi

Nas colónias da África central, o caminho para o multirracismo, mostrou-se desde o princípio, difícil devido a oposição dos brancos. A solução passava necessariamente por uma organização autónoma dos africanos para a conquista do poder com base no princípio democrático “um homem um voto”. Nos diferentes territórios já existiam associações indígenas para a promoção social.

No caso concreto da Niassalândia tinha sido constituído, em 1944, o Congresso Nacional Africano. Com base nessa organização, as autoridades coloniais estabeleceram uma hierarquia de conselhos locais, provinciais e de um conselho geral, baseados nas autoridades locais que serviam como auxiliares para a administração e como estruturas de iniciação para uma gestão autónoma. Em 1948 foi constituído, no mesmo contexto, o Congresso da Rodésia do Norte.

Os dois organismos opuseram-se veementemente à Federação e exerceram grande influência sobre nos conselhos indígenas criados pelas autoridades coloniais. Fruto da crescente implantação dos movimentos

nacionalistas, nas eleições para o Conselho Legislativo realizadas em 1956, na Niassalândia, o Congresso Nacional Africano conquistou os cinco lugares reservados aos africanos. Começavam a tomar a dianteira aqueles a que o regime apelidara de “intelectuais irresponsáveis”. Entre estes constavam H.B. Chipembere e M.W.K.Chiume.

Para estes, “*a única linguagem compreensível para o imperialismo britânico era a luta extremista*” por isso decidiram boicotar a participação dos negros na Assembleia Federal, expulsar do Congresso os africanos que aceitaram participar nas instituições da capital federal e inscrevê-los numa lista negra dos traidores.

Sentindo que ainda eram muito jovens para se impor dentro e fora do país os nacionalistas decidiram apelar para a intervenção do Dr. Hastings Kamuzo Banda.

Após tomar a liderança do Congresso Nacional Africano começou a influenciar fortemente as populações através dos seus discursos. Iniciaram, então, distúrbios contra o regime o qual reagiu com repressão. Além de vítimas mortais, Banda foi preso.

O movimento nacionalista na Niassalândia ganhou novo impulso com a tomada do poder pelos conservadores na Grã Bretanha, em 1959. No ano seguinte, Mac Millan realizou uma viagem à África, passando por Lagos, Salisbúria e Cabo, durante a qual deixou claro, particularmente para os colonos brancos que aspiravam manter o domínio do continente, que o momento era de mudança em relação ao colonialismo e era preciso que isso fosse assumido.

Nessa altura, a ordem na Niassalândia tinha sido restabelecida com recurso a força e como o Congresso Nacional Africano tinha sido proibido, foi constituída uma nova força política pelo advogado. O Chirwa – o Partido do Congresso do Malawi. Aguardava-se apenas pela libertação de Banda para dar seguimento à acção nacionalista.

Libertado, K. Banda, decidiu enveredar pela via pacífica, seguindo o exemplo dos nacionalistas do Quénia que tinham logrado os seus objectivos por via das negociações.

Com a aprovação de uma nova Constituição, em 1960, abriu-se espaço para a afirmação definitiva dos nacionalistas malawianos. A nova Constituição previa para o Conselho Legislativo, além dos 5 membros administrativos nomeados, 33 deputados eleitos.

Nas eleições que se seguiram, o Partido do Congresso do Malawi, conseguiu, com apoio dos asiáticos, controlar 23 dos 33 lugares do Conselho Legislativo e obteve 4 dos 5 lugares não administrativos do conselho Executivo. Na verdade o Partido do Malawi controlava o aparelho governamental interno. Em 1963 o Conselho Executivo foi substituído por um gabinete liderado por K. Banda. A Niassalândia tornava-se então um país de negros num continente negro.

Neste ano Banda rejeitou firmemente a federação e o país proclamou a sua independência em finais de 1963. Seguiu-se um período em que Banda despertou a contestação ao seu poder ao adoptar uma política vista



como excessivamente pró-ocidental, aliar-se ao apartheid da África do Sul e não mostrar um programa de renovação revolucionária claro.

Zâmbia

A Zâmbia desempenhava papel fundamental para o sucesso da Federação mas o multirracismo tinha fracassado. Restava a imposição por via da força, política ou física. O governador colonial estava colocado entre o desejo dos colonos e o dos nacionalistas africanos. O resultado das eleições de 1958 era tão crucial quanto a necessidade de uma nova constituição em 1960.

Tendo por objectivo pôr em xeque o partido federal de Roy Welensky e de o impedir de ser interlocutor entre o Governo britânico e os nacionalistas africanos, Nkumbula queimou a constituição em público, decidiu, na altura das eleições, aliar-se, se necessário aos apartidos reaccionários. Essa posição levou à divisão entre os nacionalistas africanos. Os mais radicais juntaram-se a Kenneth Kaunda que criou o Partido nacional da Zâmbia, tendo como palavra de ordem: “Boicotar a todo o custo as eleições e impedir qualquer outro partido africano de nelas participar”. Por causa desta sua posição Kaunda foi preso e o seu partido banido.

A participação do Congresso nacional Africano de Nkumbula, permitiu, porém o partido de Roy Welensky dominar totalmente o governo e impor-se sem oposição na conferência constitucional de 1960.

A conferência constitucional reuniu, em 1960, num período de grande efervescência nacionalista. Mais ainda, influenciado pelos acontecimentos ligados a secessão e morte de Lumumba, no vizinho Congo. Os nacionalistas africanos opuseram-se a qualquer concessão que abrisse espaço para a implantação de um poder branco na Rodésia e por isso a conferência teve que ser adiada em cima da hora.

Os colonos brancos ficaram impacientes e tentaram pressionar Roy Welensky a proclamar a independência unilateral. Se em algum momento Roy Welensky pensou em fazer a vontade dos colonos, cedo percebeu que seria um suicídio. As tropas inglesas em Nairobi estavam prontas para qualquer eventualidade.

A revisão constitucional feita pelo governo britânico pretendia ao Partido Liberal liderado por Moffat uma posição política forte que lhe permitisse ser uma força de reconciliação entre os colonos brancos e os nacionalistas africanos.

Em 1962 realizaram-se eleições para o Conselho Legislativo, que ditaram 7 lugares para o partido Nkumbula, 16 para os federalistas, partido de Welensky, e 14 para Kenneth Kaunda. O partido liberal de Moffat não conseguiu qualquer assento.

Perante este cenário Kumbula desempenhava um papel importante, pois se aliasse a qualquer dos lados mais votados dava imediatamente

vantagem. Entretanto acabou optando por se aliar ao seu antigo rival africano, Keneth Kaunda, o que significava que os defensores da Federação ficavam em desvantagem. Foi assim que em 1963 a Rodésia do Norte obteve o direito de secessão.

Neste contexto foi aprovada uma nova Constituição para a Rodésia do Norte, que previa a substituição do Conselho Legislativo por uma Assembleia Legislativa.

Em Janeiro de 1964 a Rodésia do Norte organizou eleições para a Assembleia Legislativa e o Partido Nacional Unificado da Independência (UNIP) de Keneth Kaunda conquistou 50 lugares contra 10 do Congresso Nacional Africano de Nkumbula e 10 reservados aos brancos.

Em Outubro de 1964 era proclamada a Independência com K. Kaunda como presidente, passando a Rodésia do Norte a designar-se Zâmbia.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

A partir de 1953 os territórios da África central (Rodésia do Sul, Rodésia do Norte e Niassalândia) estavam integrados numa federação mas o seu percurso para a independência desenrolou-se de forma diferenciada.

Quando a Inglaterra, respondendo ao movimento de descolonização dispôs-se a seguir a sua prática noutros territórios, conduzindo as colónias à independência, a Rodésia do Sul opôs-se defendendo uma acção de força para eliminar o movimento nacionalista, o que levou ao fim da federação das Rodésias e Niassalândia, em 1963.

Após a dissolução da Federação, a Grã Bretanha encetou negociações com os movimentos da Rodésia do Norte e da Niassalândia que permitiram que estes territórios chegassem à independência, o que aconteceu em 1964.

Na Rodésia do Sul a independência só viria a ser proclamada em Abril de 1980 após longo período de luta armada.

Caro estudante, agora que ja concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Caro estudante, agora que ja concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Desde 1953 a Rodésia do Sul, Rodésia do Norte e Niassalândia tinham sido integrados numa federação.
 - Explique como é que as diferenças entre os colonos da Rodésia do sul e a metrópole sobre a atitude a tomar em relação ao movimento nacionalista levou ao fim da federação.
2. Descreve o percurso político dos territórios da África central após a dissolução da Federação.
3. Escreva os nomes dos líderes que levaram o Malawi e Zâmbia à independência.

Guia de Correção

1. Com o fim da federação os três ex-membros seguiram rumos diferentes. A Rodésia do Norte e Niassalândia entraram em negociações com a Grã Bretanha que permitiram que estes territórios chegassem à independência e em 1964. Na Rodésia do Sul os colonos acreditavam que era possível pôr fim ao movimento nacionalista com recurso à força e não tendo chegado a entendimento com a metrópole decidiram unilateralmente proclamar-se independentes da Grã Bretanha em 1965. Assim a independência só viria a ser proclamada em Abril de 1980 após longo período de luta armada.
2. Com o aprofundamento do nacionalismo nos três territórios, a Inglaterra dispôs-se a conceder independência às colónias esta pretensão não era aceite pelos colonos da Rodésia do Sul, que defendiam a eliminação do movimento nacionalista. Na sequência destes desentendimentos a Rodésia do Sul abandonou a Federação e em Outubro de 1963 foi declarado o fim da federação das Rodésias e Niassalândia.
3. Malawi – Kamuzu Banda, Zâmbia – e Keneth Kaunda

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo

Avaliação



Avaliação

1. Mencione os principais movimentos nacionalistas da Niassalândia
2. Explique como é que Kamuzu Banda conduziu a sua luta pela independência
3. Identifique duas outras figuras ligadas a descolonização na Niassalândia.
4. Preencha o quadro abaixo sobre as principais formações nacionalistas da Rodésia do norte

Partido	Líder
Partido Federal	
	Kumbula
UNIP	

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 12

Independência na África Central Britânica

Introdução

Contrariamente aos outros territórios da África central colonizados pela Inglaterra, a Rodésia do Sul não embarcou na proposta neocolonial apresentada pela metrópole. Diante do incremento do movimento nacionalista, os colonos da rodésia do sul, que tinham constituído um governo autónomo desde 1923, rejeitaram quaisquer propostas de cedência advogando uma posição de força para travar o nacionalismo africano. Veja, então, caro aluno, como decorreu o processo que culminou com a recuperação da independência do país!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Identificar as principais forças e figuras nacionalistas na Rodésia do sul no princípio da década de 1960.

Explicar as razões da Declaração Unilateral da Independência.

Descrever as etapas da luta armada de libertação.

A Rodésia do Sul

No início da década de 1960 surgiram sucessivamente o Partido Nacional Democrático (NDP), o Zimbabwe African Peoples Union (ZAPU) e o Zimbabwe African Union (ZANU).

O NDP foi fundado a 1 de Janeiro de 1960, por nacionalistas como Enos Nkala, Skecheley Sam Kanje, George Silindika e Leopold Takawira, Michael Mawean, tendo como presidente Joshua Nkomo. Este partido propunha-se lutar contra as práticas opressivas do colonialismo com algum radicalismo, recorrendo a sabotagens, destruições e outros actos. Até Dezembro de 1961, altura em que foi banido, devido aos seus métodos, foi o principal representante dos nacionalistas africanos.

Após o banimento deste partido, os seus líderes reagruparam-se e, dez dias depois, fundaram o Zimbabwe African Peoples Union (ZAPU), de novo com Joshua Nkomo na presidência. O novo partido pretendia combater o colonialismo com os mesmos métodos do NDP.



Passado pouco menos de um ano a ZAPU foi banida e os seus líderes condenados a três meses de inibição política e distante das cidades.

O curso do movimento nacionalista no início da década de 1960 fez pairar o perigo de a Inglaterra conceder independência à minoria branca o que não interessava aos nacionalistas africanos. Foi por isso que Nkomo propôs a formação de um governo no exílio. Esta fase seria, pois marcada pela emergência, no seio do movimento nacionalista, de duas alas: a de J. Nkomo que pretendia organizar apoios de fora para pressionar o governo e a outra que defendia a organização de massas dentro do país e lutar pela independência.

Estas divergências fizeram com que, no seu regresso ao país, Nkomo, suspendesse Malianga, Robert Mugabe, o reverendo Ndabaningi Sithole e Leopold Takawira. Em resposta este grupo criou a 8 de Agosto de 1963 a Zimbabwe African Union (ZANU) com Sithole como presidente, Takawira Vice-presidente e Mugabe Secretário-geral. O programa do novo partido previa a distribuição justa da terra, o fim das leis raciais, educação para todos e o controlo de algumas indústrias.

Paralelamente às forças nacionalistas, foi ainda criada em 1962 a Frente Rodesiana numa coligação dos partidos de Ian Smith e Winston Field. Foi em torno desta que se aglutinaram os interesses da minoria branca rodesiana. No seu programa, a Frente Rodesiana destacava a rejeição da colonização britânica e a contestação da ideia de um governo formado pela maioria negra.

A Declaração Unilateral da Independência

O caminho para a independência na Rodésia do Sul assumiu contornos bastante peculiares visto que existiam três, e não dois grupos de interesses, cada um dos quais com as suas aspirações.

Como já foi dito, diante do incremento do movimento nacionalista, a Grã Bretanha decidiu conceder a independência as suas colónias, e é o que pretendia fazer em relação a Rodésia do Sul. A Rodésia do Sul procurou também a sua independência, mas desde 1923 era governada pelos colonos brancos que tinham constituído um governo autónomo sem a participação dos negros. Entretanto o governo britânico não concordou porque pretendia um governo negro a reger os rumos do país. A alternativa à independência, seria uma continuação da situação anterior, onde os brancos constituíam a classe dominante.

Em 1961 foi aprovada uma nova Constituição para a Rodésia do Sul abrindo a espaço para a participação da população negra no poder. Opondo-se à Constituição de 1961, Ian Smith fundou nesse ano a Frente Rodesiana e após sua vitória eleitoral, tornou-se ministro das Finanças até passar a chefe de Governo e ministro da Defesa em 1964. O desentendimento entre a Grã Bretanha e a Frente Rodesiana agravou-se de tal modo que esta força política rompeu com a metrópole e Ian Smith, o líder da Frente Rodesiana, **proclamou unilateralmente a independência da Rodésia** a 11 de Novembro de 1965.

A ascensão da Frente Rodesiana marcou a retomada da ideologia e das políticas do período pré-federal. O novo governo lançou-se no combate ao movimento nacionalista africano através de prisões, restrições e outras acções repressivas.

A Declaração Unilateral da Independência na Rodésia do Sul foi o corolário das diferenças entre a Grã Bretanha e os colonos brancos sobre a forma como deveria ser conduzido o combate ao nacionalismo africano. Por outro lado só foi possível devido ao alto grau de coesão dos colonos rodesianos e ao facto de terem uma larga experiência de controlo do aparelho do estado que remonta a 1923 quando foi proclamado o auto governo.

A Luta de Libertação na Rodésia do Sul

A DUI constituiu o sinal claro dado pelos colonos de que estes não estavam dispostos a abrir espaço para o exercício do poder pelos negros. Diante desta realidade o movimento nacionalista começou a ter na insurreição armada a única alternativa para pôr fim as injustiças coloniais e ascender ao poder. Foi neste contexto que nos finais dos anos 1960 formou-se o Conselho da Revolução.

A ZANU começou a desenvolver a sua estratégia e o crescimento a importância da Z.A.N.L.A. (Zimbabwe National Liberum Army).

Em 1972, inicia a acção da ZANLA na Rodésia do Sul, que até 1975, provocou enormes prejuízos a economia do país. Porém entre 1974 e 75 tiveram lugar encontros entre a Zâmbia e África do Sul com vista a encontrar uma plataforma para acabar com a guerra.

No início de 1976 Ian Smith, B.J. Voster, (primeiro-ministro da África do sul de 1966 a 1978) e Henry Kissinger (Secretário de Estado Norte Americano) reuniram-se em diversas ocasiões na tentativa de encontrar uma saída para o conflito. A ideia principal de Kissinger era utilizar a África do sul para pressionar Smith a fazer concessões.

Em 1977, Robert Mugabe foi eleito, em Chimoio, presidente da ZANU, em substituição de Sithole.

Robert Mugabe

Por seu turno a ala militar se reforçava com Josiah Tongogara, o principal líder militar a organizar, a partir de Moçambique o avanço da guerrilha. Neste período a acção nacionalista era particularmente favorecida pela colaboração entre as alas militar e política

Josiah Tongogara

Um dos líderes da Luta armada no Zimbabwe



A guerra ganhou ainda maior dimensão quando, em 1978, o governo de Moçambique decidiu enviar tropas para lutar ao lado da ZANLA. Nesta altura a guerra alastrou-se passando a incluir ataques às cidades.

Entre Outubro e Dezembro de 1976, realizou-se em Genebra uma conferência. Tendo em vista a realização desse evento os líderes da ZANLA, ora presos, foram libertados e a ZANU e ZAPU juntaram-se numa frente comum, a Frente Patriótica. Entretanto a conferência fracassou devido a divergências entre a Frente Patriótica e a Grã Bretanha.

Ainda em 1977, quando a guerra se intensificava, Abel Muzorewa e Ian Smith fizeram um “*Acordo Interno*”. Este compromisso não foi reconhecido pelos outros líderes do movimento nacionalista que pretendiam uma independência efectiva e não um compromisso com os colonos ou com a metrópole. Entretanto à luz deste acordo Muzorewa foi eleito Primeiro Ministro em Maio de 1979.

Em Maio de 1979 o Partido Conservador ganhou as eleições na Inglaterra e Margareth Thacher tornou-se Primeira Ministra. A política do novo governo em relação a Rodésia do Sul era pelo reconhecimento do Acordo Interno e da figura de Abel Muzorewa como Primeiro Ministro.

Em Agosto de 1979 o ‘Acordo Interno’ foi discutido numa conferência dos líderes da Comunidade Britânica (Comonwealth), que entretanto não produziu consensos.

Bispo Abel Muzorewa

Os esforços para a busca de uma solução para a ‘questão rodesiana’ levaram a nova conferência, desta feita na casa dos Lancaster (Lancaster House) que se desenrolou de Setembro a Dezembro de 1979. Nesta conferência saíram as decisões de cessar-fogo, aprovação de uma nova Constituição e marcação de eleições.

No âmbito das decisões de Lancaster House as eleições gerais aconteceram em Fevereiro – Março de 1980, tendo a ZANU de Robert Mugabe conquistado 57 (63%) dos lugares no parlamento e a ZAPU de Joshua Nkomo 20 (24%) dos lugares. O Partido de Muzorewa conseguiu apenas 3 lugares.

A 18 de Abril de 1980 foi proclamada a independência do Zimbabwe, com Robert Mugabe como Primeiro Ministro.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

No início da década de 1960 surgiram sucessivamente o Partido Nacional Democrático (NDP), o Zimbabwe African Peoples Union (ZAPU) e o Zimbabwe African Union (ZANU).

Neste período os interesses da minoria branca rodesiana estavam aglutinados na Frente Rodesiana, uma coligação dos partidos de Ian Smith e Winston Field cujo programa, a rejeição da colonização britânica e a contestação de um governo da maioria negra.

O caminho para a independência na Rodésia do Sul teve a particularidade de envolver três grupos de interesses (a Grã Bretanha, os colonos brancos e nacionalistas africanos) cada um dos quais com as suas aspirações.

A nova Constituição para a Rodésia do Sul, de 1961 que abria espaço para a participação da população negra no poder, desencadeou desentendimentos entre a Grã Bretanha e a Frente Rodesiana que culminaram com a Declaração Unilateral da independência da Rodésia a 11 de Novembro de 1965.

A DUI constituiu sinal claro de que os colonos não estavam dispostos a abrir espaço para o exercício do poder pelos negros. Esta realidade levou o movimento nacionalista a recorrer a insurreição armada para a tomada do poder. A 18 de Abril de 1980 foi proclamada a independência do Zimbabwe, com Robert Mugabe como Primeiro Ministro

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Mencione os partidos nacionalistas que surgiram na Rodésia do Sul no início da década de 1960.
2. Que aspecto contido na Constituição para a Rodésia do Sul, de 1961 desencadeou desentendimentos entre a Grã Bretanha e os colonos.

Guia de Correção

1. Os partidos nacionalistas que surgiram na Rodésia do Sul no início da década de 1960 Partido Nacional Democrático (NDP), o Zimbabwe African Peoples Union (ZAPU) e a Zimbabwe African Union (ZANU).
2. O principal aspecto da Constituição de 1961 que despoletou desentendimento entre os colonos e a metrópole foi a abertura da participação da população negra no poder.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

**Avaliação**

1. Como se designava a força política representativa dos colonos da Rodésia do Sul?
2. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre o nacionalismo na Rodésia do Sul.
 - a) A falta de consenso entre os colonos da Rodésia do Sul e Grã Bretanha foi a principal razão da Declaração Unilateral da independência da Rodésia.
 - b) A DUI constituiu sinal claro de que os colonos estavam dispostos a abrir espaço para o exercício do poder pelos negros.
 - c) A insurreição armada para a tomada do poder na Rodésia do Sul foi a primeira opção dos nacionalistas rodesianos porque não queriam esperar pela via constitucional.
 - d) A Declaração Unilateral da independência da Rodésia foi proclamada a 18 de Abril de 1980 tendo Robert Mugabe como Primeiro Ministro.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 13

África Independente

Introdução

Quase meio século após a ocupação efectiva da África, ganhou forma no continente o processo de descolonização. 1960 foi um ano crucial neste processo, e os anos subsequentes foram de prosseguimento desta onda de descolonização. Entretanto a conquista iniciou uma nova fase na qual se colocavam aos africanos enormes desafios, ainda hoje não vencidos. Vejamos, então, a evolução da África Independente.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Identificar os problemas da África pós - independência.

Explicar o processo de formação da OUA.

Identificar os objectivos da OUA.

Identificar os órgãos da OUA.

Explicar as principais realizações da OUA.

África Independente

A independência foi inegavelmente uma das maiores, senão a maior conquista da África no século XX. Não obstante, e sem querer beliscar de modo algum a grandeza e valor dessa conquista, é preciso reconhecer que a mesma representou um enorme desafio.

Um olhar rápido sobre a África na altura da independência permite-nos observar que após a remoção das lideranças africanas no final do século XIX e princípios do século XX e sua substituição pela administração colonial, os africanos tinham sido afastados das funções administrativas. Em alguns territórios, em que vigorou a administração indirecta, o envolvimento dos africanos não foi muito para além da participação em órgãos consultivos.

Por outro lado a dominação colonial implicou a apropriação da economia pelos europeus ficando para os africanos o papel de auxiliares ou empregados.



Por outro lado o sistema educativo foi concebido, via de regra, para dotar os africanos de habilidades para o trabalho à altura das exigências da economia colonial e não para formar uma camada intelectual africana capaz de compreender e explicar fenómenos de natureza diversa.

Ora, a conquista da independência pelos países africanos significou um verdadeiro desafio para o continente, na medida em que a estas populações africanas recaía a responsabilidade de conduzir os destinos das novas nações independentes.

Ademais, com a independência dos países africanos os países europeus retiraram seus quadros, seus meios e recursos.

Portanto, o período pós-independência foi um momento, a dado momento, de carências que, aliadas a inexperiência governativa das novas lideranças africanas, levaram o continente a problemas como:

- Falta de quadros a nível da educação, saúde e outros.
- Prevalência de doenças e epidemias
- Prevalência de fomes, miséria
- Guerras

Diante destes problemas a solução só podia ser alcançada num contexto de unidade.

A Criação da OUA

O processo que culminou com a formação da Organização da Unidade Africana iniciou em finais do século XIX e princípio do século XX. Em 1881 o antilhano de origem africana, Dr Edward W. Blyden dizia: *“Devemos mostrar ao mundo que somos capazes de avançar sozinhos, de abrir o nosso caminho”*. Era uma das primeiras manifestações do desejo de uma África Unida. Em 1895 foi a vez do pastor britânico instalado na Niassalândia escrever o livro intitulado *“África para os Africanos”* cujas ideias levaram a criação da União Cristã Africana em 1897. Por seu turno Kwame Nkrumah notabilizou-se ao escrever *“Africa deve Unir-se”*.

A ideia da unidade africana emergiu, pois dos descendentes de africanos nas Antilhas e Estados Unidos da América, passou pela Europa e chegou a África primeiro sob a forma de aspiração do que se chamaria Estados Unidos de África. Após anos de busca de mecanismos concretos de integração entre os estados africanos independentes, a 25 de Maio de 1963 foi assinada em Adis Abeba, Etiópia, a carta constitutiva da **Organização da Unidade Africana (OUA)**.

Esta organização criada, por iniciativa do Imperador etíope Haile Selassie integrava à altura da sua formação 32 países africanos independentes entre os quais pontificavam a Etiópia, o Ghana, Tanganhica, Marrocos, Egipto, etc.

Objectivos da OUA

Segundo a constituição da OUA, os objectivos desta organização podem ser resumidos aos seguintes:

- Promover a unidade e solidariedade entre os estados africanos;
- Coordenar e intensificar a cooperação entre os estados africanos, no sentido de atingir uma vida melhor para os povos de África;
- Defender a soberania, integridade territorial e independência dos estados africanos;
- Erradicar todas as formas de colonialismo da África;
- Promover a cooperação internacional, respeitando a Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- Coordenar e harmonizar as políticas dos estados membros nas esferas políticas, diplomática, económica, educacional, cultural, da saúde, bem-estar, ciência, técnica e de defesa.

Órgãos da OUA

Organizava-se em quatro órgãos:

- A Conferência dos Chefes de Estado e de Governo, instância suprema;
- Conselho de Ministros, que prepara e executa as decisões da Conferência;
- Secretariado-Geral Administrativo; e
- A Comissão de Mediação, de Conciliação e de Arbitragem.

Principais Realizações da OUA

A OUA, criada em 1963, existiu ao longo de quase 40 anos até ser transformada em União Africana em 2002. Que balanço pode ser então feito destes dos 40 anos de existência da OUA?

Por diferentes razões, a OUA não conseguiu materializar alguns dos seus principais objectivos com destaque para a missão de evitar os inúmeros conflitos que assolaram o continente, bem como a de promover de forma efectiva o seu desenvolvimento.

Um dos maiores fracassos da OUA e que ainda subsiste, como questão não resolvida, que continua a ensombrar o espírito de unidade da União

Africana, é o estatuto do Sahara Ocidental, cuja aceitação como membro da organização, levou Marrocos a abandoná-la em 1985.

Poderíamos mencionar como algumas das razões deste relativo fracasso o carácter consensual da organização, ou seja, o não ter assumido posições mais enérgicas, privilegiando sempre a busca de consensos para a solução dos problemas.

Por exemplo esta organização nunca puniu os responsáveis pelos problemas, como acontece por exemplo com a Commonwealth ou a ONU, que quando é necessário suspendem das suas actividades ou decretam sanções sobre políticos ou governos.

Não obstante as fragilidades apontadas, o espírito de consenso e a rotatividade da presidência, permitiram a OUA manter diante dos vários blocos económicos e políticos a imagem de unidade e de vontade de progresso o que garante o apoio destes para a resolução de vários problemas. Graças a isso a OUA conseguiu levar a cabo várias realizações notáveis, das quais se destacam:

- Descolonização de África – funcionando como grupo de pressão junto da comunidade internacional e fornecendo apoio directo aos movimentos de libertação, através do seu Comité Coordenador da Libertação da África;
- Combate contra o apartheid – sobretudo influenciando a ONU a declarar sanções contra os governos da África do Sul e da Rodésia, bem como a condenação internacional do Apartheid como “crime contra a Humanidade” na Conferência de Teerão de 1968.
- Resolução de conflitos - nos primeiros dez anos da sua existência, a OUA viu-se confrontada com uma série de conflitos sobre a delimitação de fronteiras no norte, leste e centro da África mas, graças aos seus esforços, estes conflitos foram resolvidos num verdadeiro espírito de unidade, sem interferência externa.
- Promoção da cultura africana - a OUA organizou em Agosto de 1969, na Argélia, o Primeiro Festival Pan - africano da Cultura e um ano depois o Primeiro Workshop de Folclore, Dança e Música Africana na capital da Somália.
- Como consequência, as suas pretensões de formas de comércio mais justas e da plena participação num novo sistema monetário internacional ganharam mais peso, apesar de não terem ainda sido atingidas.
- Proclamação da permanente soberania dos países africanos sobre os seus recursos naturais, o que levou à modificação da Lei Internacional sobre os recursos da plataforma continental e águas territoriais.
- Primeira Feira de Negócios Pan - africana em Fevereiro de 1972, no Quênia,

- Promoção da harmonização das políticas nos campos do desenvolvimento económico e social, transportes e telecomunicações dos seus membros na sua relação com organizações internacionais como UNCTAD, BIRD, FMI, UNIDO e OIT.

UNCTAD - Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento. É um fórum intergovernamental estabelecido em 1964 com o objectivo de dar auxílio técnico aos países em desenvolvimento para integrarem-se no sistema de comércio internacional

FMI – Fundo Monetário Internacional é uma organização internacional que pretende assegurar o bom funcionamento do sistema financeiro mundial pela monitoria das taxas de câmbio e da balança de pagamentos, através de assistência técnica e financeira. Sua sede é em Washington, EUA.

O Banco Mundial é uma agência do sistema das Nações Unidas, fundada a 1 de Julho de 1944 por uma conferência de representantes de 44 governos em Bretton Woods, New Hampshire, EUA, e que tinha como missão inicial financiar a reconstrução dos países devastados durante a Segunda Guerra Mundial. Actualmente, sua missão principal é a luta contra a pobreza através de financiamento e empréstimos aos países em desenvolvimento. Tem a sua sede em Washington, EUA

OIT (Organização Internacional do Trabalho) - Fundada em 1919 com o objectivo de promover a justiça social, é a única Agência do Sistema das Nações Unidas que tem estrutura tripartida, na qual os representantes dos empregadores e dos trabalhadores têm os mesmos direitos que os do governo.

Em 1944, à luz dos efeitos da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial, a OIT adoptou a Declaração da Filadélfia como anexo da sua Constituição. A Declaração antecipou e serviu de modelo para a Carta das Nações Unidas e para a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Desde 1999, a OIT trabalha pela manutenção de seus valores e objectivos em prol de uma agenda social que viabilize a continuidade do processo de globalização através de um equilíbrio entre objectivos de eficiência económica e de equidade social.



Como consequência, as suas pretensões de formas de comércio mais justas e da plena participação num novo sistema monetário internacional ganharam mais peso, apesar de não terem ainda sido atingidas.

- Proclamação da permanente soberania dos países africanos sobre os seus recursos naturais, o que levou à modificação da Lei Internacional sobre os recursos da plataforma continental e águas territoriais.
- Realização da 1ª Feira de Negócios Pan-africana em Fevereiro de 1972, no Quênia.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

A independência dos países africanos foi seguida de um período de problemas diversos cuja solução devia ser perseguida por uma África unida e não individualmente por cada país.

Depois de alguns anos de negociações entre os estados africanos a OUA foi fundada em Maio de 1963, tendo entre outros objectivos, a finalidade, de promover a unidade, cooperação e solidariedade entre os estados africanos.

Embora haja ainda grandes desafios para o continente e para a organização, agora transformada em UA, é inegável que a OUA realizou, com sucesso, diversas acções no plano político-militar, económico, cultural e mais.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Indique três problemas que se abatiam sobre a África após a independência
2. Assinale com umas V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre a formação da OUA.
 - a) As primeiras manifestações do desejo de uma África unida e que culminaram com a criação da OUA remontam aos finais do século XIX.
 - b) Uma das primeiras personalidades a advogar a união de África foi o antilhano Dr Edward W. Blyden.
 - c) A ideia da unidade africana emergiu, dos nacionalistas africanos estendeu-se as Antilhas e Estados Unidos da América.
 - d) A carta constitutiva da Organização da Unidade Africana (OUA) foi assinada no Cairo, Egipto.
 - e) Coube ao Imperador etíope Haile Selassie a iniciativa da criação da OUA.

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Indique os objectivos OUA
2. Qual era o órgão máximo da OUA
3. Aponte três realizações da OUA.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 14

A Passagem da OUA Para União Africana

Introdução

Criada no âmbito dos desafios ligados a descolonização do continente, a Organização da Unidade Africana, nem sempre esteve à altura de responder as exigências colocadas pela evolução dos países africanos e do avolumar de seus problemas diante da dinâmica do mundo em geral. A tentativa de adequar a organização aos novos desafios conduziu a transformação desta em União Africana. Veja a seguir como surgiu a nova organização, os seus objectivos e estrutura!

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Explicar os factores da transformação da OUA em UA.

Indicar os objectivos da UA.

Descrever a estrutura da UA e a articulação dos diversos órgãos.

A Passagem da OUA Para União Africana

Os Factores da Transformação da OUA em UA

Nos anos 60, depois da descolonização, instalou-se entre certos sectores dos africanos a esperança de uma África unida politicamente, até a constituição de uma única nação soberana, os Estados Unidos da África. O presidente de Gana, Kwame Nkrumah, revelava esse desejo ao afirmar: *"A nós cabe colher esta magnífica ocasião e provar que o gênio do povo africano pode triunfar sobre as tendências separatistas para se transformar numa nação soberana, constituindo, para a maior glória da posteridade, os Estados Unidos da África"*.

Entretanto essa expectativa revelou-se muito acima do que realmente era possível. A OUA, nascida em 1963, consagrava uma unidade "moral" e não política, fazendo prevalecer o nacionalismo acima de qualquer tipo de união. Era a derrota do pan-africanismo com a proclamação da igualdade soberana de todos os estados membros.

Dois principais factores estiveram na origem do colapso da OUA e emergência da UA, nomeadamente o facto de a OUA ter se revelado um

organismo impotente e o desgaste resultante da persistência dos mesmos problemas para os quais agia-se sempre da mesma maneira e, quase sempre, sem resultados práticos.

A Impotência da OUA

Desde a sua fundação a OUA revelou-se incapaz de resolver os conflitos que continuamente surgiam em toda parte do continente e de construir uma verdadeira unidade entre os países membros. A guerra de Biafra, a guerra civil na Somália, Angola, Sudão, Serra Leoa e Libéria, as tragédias na região dos Grandes Lagos, são alguns desses conflitos, a que nunca se encontrou solução. Se houve solução, ocorreu por intervenção de forças externas ou pela força dos fatos.

Outro resultado era pouco provável se tivermos em conta que a maioria dos conflitos que a OUA enfrentou remontavam da época colonial e não apenas não tiveram uma solução adequada, como até se agravaram com a independência. Além disso, a OUA não tinha carácter executivo, e como tal, não podia impor as suas decisões.

Quando a OUA tentou, impor as suas decisões, houve uma ruptura, como no caso de Marrocos em 1985, e se chegou à beira do desaparecimento da Organização. Do outro lado, a Carta fundamental consagrara os particularismos e a não ingerência, que tinham prioridade sobre questões de carácter mais geral. Estando assim as coisas, dificilmente se podia encontrar uma saída a qualquer tipo de problema.

Desgaste

A persistente instabilidade resultante da incapacidade da organização em lidar com os problemas do continente criou algum desgaste e descrença em relação a OUA. Cansava e desgastava muito repetir sempre planos semelhantes, enfrentar ano após ano os mesmos conflitos e actuar sempre da mesma maneira. Isso contribuiu para criar um certo hábito de aparente inutilidade.

Todavia, a principal contradição da OUA consistiu em ter sido criada como força estabilizadora em um mundo que, como o africano, está sempre em mudança e em tensão entre suas raízes tradicionais e as imposições do exterior. A imagem de desgaste e de desânimo ficou bem patente nas palavras do primeiro secretário-geral desta organização, Diallo Telli, que dizia: "*Somos somente uma formidável máquina para organizar conferências*".

Perante esta realidade, a partir de 1979, começou a surgir a ideia de criar, como alternativa à OUA, uma comunidade económica africana, a exemplo da europeia.

Embora não tenha ganho logo força, vinte anos depois, em 1999, o presidente da Líbia, Muamar Kadafi, conseguiu organizar, na cidade de Syrte, uma cimeira extraordinária da OUA, na qual convidou os participantes a criar os "Estados Unidos da África".

A ideia não vingou, pois muitos desconfiaram, temendo a hegemonia política de Kadafi e a pressão islâmica sobre todo o continente.

No ano seguinte a ideia, porém, foi parcialmente retomada na cimeira de Lomé, Togo, em Julho de 2000, onde foi apresentado um novo projeto que encaminhava a fundação da União Africana (UA).

Em 2001 a reunião de Lusaka, em Julho, ratificou o nascimento da nova instituição e a morte da antiga.

Pretende-se passar para trás a época em que a preocupação era a descolonização e iniciar a fase em que o maior desafio é o da reconstrução, dotando os Estados da África de instrumentos e estratégias comuns, conforme o modelo europeu.

Portanto com a nova organização pretende-se uma África dotada de uma comissão executiva, um parlamento supra-nacional, uma corte de justiça, um banco central e - até - uma moeda única.

Os passos imediatos têm, contudo, dividido os Estados africanos: uns pressionam para o tudo e logo, na linha do pan-africanismo, com a Líbia na liderança; outros são por um processo mais gradual, avançando-se primeiro para uma união económica.

Esta parece a perspectiva mais realista. Seria portanto um processo, que dentro de algumas décadas levará o continente a uma espécie de mercado comum, capaz de enfrentar com mais força a União Europeia, os Estados Unidos e a China. O longo prazo seria então equacionado uma união a nível político.

Essa união da África será fundamental para todas as mudanças decisivas que ocorrerão na África e constituirá uma etapa rumo aos “Estados Unidos da África”.

A União Africana

A União Africana, como uma organização de integração, é diferente da Organização da Unidade Africana (OUA), que é um órgão de cooperação internacional que cumpriu a sua missão histórica de liberar o continente e combater o apartheid. A União Africana reúne Estados naturalmente, mas mais do que uma junção de governos, é uma junção de povos com um espaço maior no qual cabem também as mulheres, a sociedade civil e a diáspora. A acontecer assim teríamos em África a sexta região económica.

No sentido de edificar e solidificar a “nova África” serão em breve estabelecidos o Conselho Económico, Social e Cultural e a Corte Africana dos Direitos Humanos e dos Povos. No futuro será montado um banco central, um fundo monetário e possivelmente uma Comunidade Económica Africana com moeda única.



O objectivo mais amplo da União Africana é encorajar a integração política e económica dos seus 53 estados-membros a fim de impulsionar o continente rumo à paz e à prosperidade.

Suas principais metas são:

- erradicar a pobreza
- Promover o desenvolvimento sustentável do continente;
- Evitar a marginalização da África no processo de globalização;
- Fortalecer integração da África na economia global.

Com vista a perseguir os objectivos traçados, particularmente na componente económica, foi criada a Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (Nepad, na sigla em inglês) que é um programa de desenvolvimento económico da União Africana.

A NEPAD encoraja os investimentos estrangeiros no continente, além de ser uma ampla iniciativa de sustentabilidade que promove a democracia e a boa governação como um ponto básico para realizações como, por exemplo, o urgente fortalecimento das mulheres.

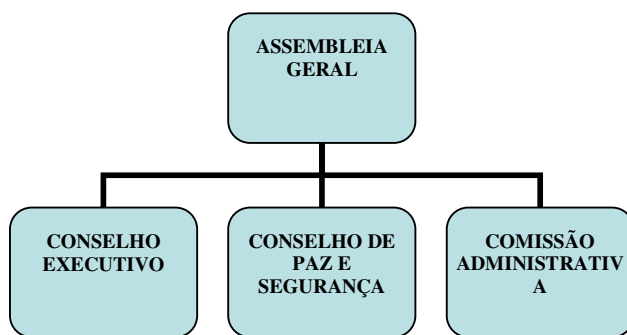
Estrutura da União Africana

A União Africana como principal órgão decisor a Assembleia Geral, composta pelos chefes de Estado dos países-membros. Ela reúne-se uma vez por ano para eleger um presidente por um período de doze meses.

Existe ainda um Conselho Executivo formado pelos ministros dos Estados-membros que dialoga com os integrantes e uma Comissão Administrativa com o papel de coordenar as reuniões e as actividades a nível da União Africana. É formada por dez comissários mantêm um portfólio e elegem um presidente para um período de quatro anos.

O Parlamento Pan-Africano tem como funções debater questões sobre o continente e aconselhar os chefes de Estado foi inaugurado em Março de 2004.

O Conselho de Paz e Segurança da União Africana monitora os conflitos do continente e intervém se necessário. Ele pode autorizar o envio de tropas em circunstâncias que incluem o genocídio e crimes contra a humanidade e também pode enviar missões de paz.



PARLAMENTO PAN AFRICANO

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

A Incapacidade da OUA de resolver os conflitos que continuamente surgiam em África e de construir uma verdadeira unidade entre os países membros bem como o desgaste e descrença em relação a OUA resultante da persistente instabilidade devido a incapacidade da organização em lidar com os problemas do continente, levou a substituição da OUA pela UA.

A União Africana é diferente da OUA pois enquanto esta era um órgão de cooperação internacional, aquela é como uma organização de integração.

Tendo por objectivo encorajar a integração política e económica dos estados-membros a fim de impulsionar o continente rumo à paz e à prosperidade, a UA, assume como principal desafio do desenvolvimento do continente no contexto da globalização em curso.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Explique a razão do descrédito que a dado momento se abateu sobre a OUA e que culminou com a sua substituição pela UA.
2. Diferencie a OUA da UA

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Faça corresponder os diferentes órgãos da UA, da coluna A às respectivas atribuições, na coluna B

Coluna A	Coluna B
I. Comissão Administrativa	A. É o principal órgão, composto pelos chefes de Estado dos países-membros.
II. O Parlamento Pan-Africano.	B. Formado pelos ministros dos Estados-membros, dialoga com os integrantes
III. Assembleia Geral	C. Coordena as reuniões e actividades da organização.
IV. Conselho Executivo	D. Monitora os conflitos do continente e intervém se necessário.
V. O Conselho de Paz e Segurança	E. Debate questões sobre o continente e aconselha os chefes de Estado

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Lição 15

Integração Económica de África

Introdução

Uma das principais propostas para a solução dos problemas económicos da África é a adopção de estratégias e acções comuns. Neste contexto surgiram em África diversas organizações regionais. Na região austral, onde se encontra o nosso país foi criada a SADCC, hoje transformada em SADC. Nesta lição, você terá a oportunidade de estudar como surgiu e evoluiu esta importante organização económica regional.



Objectivos

Ao concluir esta unidade você será capaz de:

Explicar o surgimento da SADCC.

Mencionar outras organizações regionais do continente.

Indicar países membros da SADCC.

Indicar o principal objectivo da SADCC.

Integração Económica de África

A SADCC

Desde o início da descolonização da África o debate dos problemas económicos do continente aponta sempre para a fragmentação do continente e a concentração da produção numa pequena gama de produtos primários de exportação, como os grandes obstáculos à diversificação das actividades económicas e à criação de mercados modernos e internacionalmente competitivos.

Partindo deste pressuposto foi acordado que os países africanos independentes deviam promover a cooperação económica entre si.

Se a necessidade de cooperação reunia consenso, o mesmo já não acontecia em relação as formas da sua materialização. Tendo em vista a cooperação entre os estados africanos existem duas opções que foram à mesa das discussões:

- A fórmula panafricana, que advogava a criação imediata duma organização económica continental e;
- A fórmula sub-regional, que defendia a implementação de acordos de cooperação entre países vizinhos que, eventualmente, poderia gerar formas de cooperação geograficamente mais alargadas.

Para responder aos anseios dos países africanos que em maioria estavam a favor da opção sub-regional, a Comissão Económica da ONU para a África (ECA), propôs a divisão do continente em quatro sub-regiões: oriental e austral, central, ocidental e o Norte de África.

A Conferência de Chefes de Estado e de Governo da OUA, que apelou todas as nações africanas independentes a tomarem, durante a década de 1980, os passos necessários para fortalecer os arranjos económicos sub-regionais já existentes e, se necessário, estabelecer outros de modo a cobrir todo o continente e promover a coordenação e harmonização dos diferentes agrupamentos, com vista ao estabelecimento gradual duma *Comunidade Económica Africana* no final do século.

Neste contexto várias organizações foram de facto implementadas, entre as quais:

- A COMESA, Mercado Comum da África Oriental e Austral;
- A SADC, Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral; e
- a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (*Economic Community of West African States*, com a sigla ECOWAS, em inglês ou *Communauté Economique des États de l'Afrique Occidentale*, com a sigla CDEAO, em francês).

Com a África do Sul do apartheid aumentando a destabilização dos países da região, quer política quer economicamente, uma conferência ministerial realizada em Arusha, em Julho de 1979, concordou numa estratégia para a criação da Conferência de Coordenação do Desenvolvimento da África Austral (SADCC).

A SADCC foi oficialmente criada em Abril de 1980 em Lusaka, numa cimeira em que participaram nove dos então estados governados pela maioria (Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabué).



O principal objectivo da SADCC era de “reduzir a dependência económica da África do Sul do apartheid” e para isso concebeu um programa de acção que cobriu as áreas chaves de Transportes e Comunicações, Alimentação e Agricultura, Indústria, Desenvolvimento dos Recursos Humanos e Energia. O programa de acção seria implementado através dos sectores de coordenação dos estados membros.

A SADCC funcionava como uma organização descentralizada de cooperação, através de uma estrutura descentralizada na qual, o programa de acção era implementado através dos sectores de coordenação dos estados membros.

Como estava a distribuição dos sectores por estados? Veja a seguir...

País	Sector de coordenação
Angola	Energia
Botswana	Investigação Agrária e Produção animal e Controlo de doenças de animais
Lesoto	Conservação da Água, solo e utilização da terra e Turismo
Malawi	Florestas e fauna bravia
Moçambique	Transportes e comunicações e Informação e Cultura

Suazilândia	Recursos Humanos
Tanzania	Indústria e Comercio
Zâmbia	Minas
Zimbabwe	Segurança Alimentar

Esses sectores cresceram por receberem novos membros e novos desafios surgiram.

Nos anos 90 novos desenvolvimentos a nível global e continental irão reflectir –se na vida e estrutura da organização.

- Independência da Namíbia em 1990;
- Fim do apartheid na África do Sul;
- Libertação de Nelson Mandela
- As primeiras eleições multiraciais na África do Sul, em 1994.

Paralelamente houve também o forte empurrão global no sentido de formação de grupos de integração regional uma vez que os países pretendiam tirar proveito dos benefícios das grandes economias de escala oferecidos por grandes mercados. Foi assim que em 1991, a Organização da Unidade Africana assinou o Tratado de Abuja que criou a Comunidade Económica Africana.

Com base na visão do Plano de Acção de Lagos de 1980, o Tratado de Abuja fez das comunidades económicas regionais, tais como a SADC e a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, a base para criação de uma comunidade continental.

Por outro lado os líderes mundiais reunidos numa assembleia-geral das Nações Unidas havida em Setembro de 2000 enfatizaram os Objectivos do Desenvolvimento do Milénio (ODMs), o desafio multi-dimensional da pobreza e acordaram num conjunto de metas de desenvolvimento calendarizados.

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

A SADCC foi criada em Abril de 1980 em Lusaka, por representantes de nove estados (Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe), respondendo aos anseios dos países africanos favoráveis a uma opção sub-regional e ao apelo da OUA, para que as nações africanas independentes a tomassem, durante a década de 1980, os passos para fortalecer os arranjos económicos sub-regionais.

O principal objectivo da SADCC era de reduzir a dependência económica da África do Sul do apartheid e para isso concebeu um programa de acção que cobriu as áreas chaves de Transportes e Comunicações, Alimentação e Agricultura, Indústria, Desenvolvimento dos Recursos Humanos e Energia.

Actividades



Actividades

1. Quais são as propostas colocadas à discussão tendo em vista a cooperação entre os estados africanos:
 - A fórmula panafricana, que advogava a criação imediata duma organização económica continental e
 - A fórmula sub-regional, que defendia a implementação de acordos de cooperação entre países vizinhos que, eventualmente, poderia gerar formas de cooperação geograficamente mais alargadas.
2. Assinale com um ✓ a afirmação correcta sobre a fundação da SADCC.
 - a) A SADCC foi criada numa conferência ministerial realizada em Arusha, em Julho de 1979.
 - b) A SADCC foi criada com o objectivo de promover a união política e militar dos estados da África Austral.
 - c) A SADCC foi oficialmente criada em Abril de 1980 em Lusaka.
 - d) Na cimeira constitutiva da SADCC participaram representantes Angola, Botswana, Lesoto, Malawi, Moçambique, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe, Namíbia e África do Sul.
3. Na distribuição dos sectores por estados que área ficou sob a coordenação de Moçambique?

Moçambique Transportes e comunicações e Informação e Cultura

Avaliação



Avaliação

1. Mencione três organizações regiões do continente africano.
2. Qual era o sector sob coordenação de Moçambique a nível da SADCC



Lição 16

Integração Económica de África

Introdução

Alguns acontecimentos da década de 1990, tais como a independência da Namíbia em 1990 e as mudanças na África do Sul tornaram a SADCC algo desajustada tanto a nível dos objectivos como até dos potenciais aderentes. Impunha-se, pois uma reformulação para adequá-la a nova realidade e aos novos desafios. A SADC surge pois como resposta a esta nova necessidade. Veja, a seguir, como surgiu a nova organização e que objectivos perseguem.

Ao concluir esta unidade você será capaz de:



Objectivos

Explicar como surgiu a SADC.

Identificar os estados membros da SADC.

Distinguir a SADCC da SADC.

Integração Económica de África

A SADC

A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, conhecida por SADC, do seu nome em inglês, *Southern Africa Development Community*, é a organização sub-regional de integração regional dos países da África austral.

A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral existe desde 1992, quando foi decidida a transformação da SADCC (Southern Africa Development Co-ordination Conference ou Conferência para o Desenvolvimento da África Austral), criada em 1980 por nove dos estados membros.

A SADC foi constituída por 10 estados mas ao longo dos anos, foi aumentando o número de membros, atingindo actualmente os 14 países, com a entrada da África do Sul em 1994, das Maurícias em 1995 e a República Democrática do Congo (RDC) e as Seychelles em 1997. Igualmente, através de protocolos sectoriais, cartas e declarações, os sectores de actividade foram aumentando até atingir, no ano de 2000, o número de 21.

Com estes desenvolvimentos, começaram a surgir constrangimentos relacionados com a falta de reforma institucional para acompanhar a transformação da SADCC para SADC, falta de sinergia entre os objectivos do Tratado de Windoek, por um lado, e o existente programa de acção e quadro institucional, por outro lado, à falta de mecanismos para traduzir os compromissos políticos em acção concreta.



Em resposta, uma Cimeira Extraordinária foi realizada em Windoek, em Março de 2001, aprovou a reestruturação da SADC, tendo os 21 sectores anteriormente coordenados pelos estados membros sido agrupados em quatro direcções que são agora dirigidos centralmente pelo Secretariado da SADC em Gaborone.

PAISES MEMBROS DA SADC E SUAS FUNÇÕES

1. **África do Sul:** Finanças e Investimentos
2. **Angola:** Energia
3. **Botswana:** Investigação Agrária e Produção animal e Controlo de doenças de animais
4. **Lesoto:** Conservação da Água e solo e utilização da terra e Turismo
5. **Malawi:** Florestas e fauna bravia
6. **Maurícias:**
7. **Moçambique:** Transportes e comunicações e Informação e Cultura
8. **Namíbia:** Pescas
9. **Suazilândia:** Recursos Humanos

10. **Tanzania:** Indústria e Comércio
11. **Zâmbia:** Minas
12. **Zimbabwe:** Segurança Alimentar
- 13. Madagáscar**
14. República Democrática do Congo

A sede da SADC encontra-se em Gaborone, no Botswana.

As línguas oficiais da Comunidade são o inglês, o francês e o português.

Objectivos da SADC

- Promover o crescimento e desenvolvimento económico, aliviar a pobreza, aumentar a qualidade de vida do povo africano, e prover auxílio aos mais desfavorecidos por meio de integração regional;
- Evoluir valores políticos, sistemas e instituições comuns;
- Promover e desenvolver a paz e a segurança;
- Promover o desenvolvimento auto- sustentável por meio da interdependência colectiva dos Estados membros e da auto-confiabilidade;
- Atingir a complementaridade entre as estratégias e programas nacionais e regionais;
- Promover e maximizar a utilização efectiva de recursos da região;
- Atingir utilização sustentável de recursos naturais e a protecção do meio-ambiente;
- Reforçar e consolidar as afinidades culturais, históricas e sociais de longa data da região.”

Principais Parceiros Económicos

O principal parceiro económico externo ao SADC é a UE que, com o bloco mencionado realiza importantes trocas há alguns anos. Apesar da parcela do mercado europeu abocanhada pelo grupo estar decrescendo, cerca de três por cento actualmente contra sete na década de oitenta, essas trocas ainda representam a maior parte das exportações e importações externas ao grupo. Muitas medidas têm sido tomadas para evitar o domínio económico pelo Norte, algumas com mais sucesso do que outras.

O financiamento aos projectos é obtido através de duas maneiras principais. A primeira e mais importante é a contribuição de cada um dos membros, com o valor baseado no PIB de cada um; a segunda é através da colaboração de parceiros económicos internacionais, como a UE e alguns países desenvolvidos, que dependem do projecto a ser desenvolvido.

Para Alcançar Estes objectivos a SADC Deverá:

- Harmonizar as políticas sócio-económicas e planos dos países membros.
- Criar instituições e mecanismos apropriados para mobilização dos recursos para implementação dos programas e operações da SADC e suas instituições.
- Promover o desenvolvimento dos recursos Humanos.
- Promover o desenvolvimento, transferência e domínio da tecnologia.
- Melhorar a gestão da economia através de cooperação regional

Resumo da Lição



Resumo

Nesta unidade você aprendeu

A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral existe desde 1992, a partir da transformação da SADCC. Inicialmente a SADC era constituída por 10 estados mas foi aumentando o número de membros, atingindo actualmente os 14 países.

Actualmente os países membros da SADC são África do Sul, Angola, Botswana, Lesotho, Malawi, Maurícias, **Moçambique**, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue, Madagáscar e República Democrática do Congo

A sede da SADC encontra-se em Gaborone, no Botswana e tem como línguas oficiais o inglês, o francês e o português.

Caro estudante, agora que já concluiu o estudo desta lição, vamos em conjunto resolver as questões que lhe são colocadas a seguir:

Actividades



Actividades

1. Diferencie a SADCC da SADC no que concerne aos objectivos.
2. Mencione os principais constrangimentos com que a SADC se debateu logo após a sua criação.
 - a) A falta de reforma institucional para acompanhar a transformação da SADCC para SADC
 - b) Falta de sinergia entre os objectivos do Tratado de Windhoek, por um lado, e o programa de acção e quadro institucional
 - c) Falta de mecanismos para traduzir os compromissos políticos em acção concreta.
 - d) Fraco poderio económico dos estados-membros
 - e) O ambiente de instabilidade político-militar que caracteriza a região.
3. Assinale com um ✓ os objectivos da SADC
 - a) Promover e desenvolver a paz e a segurança;
 - b) Reduzir a dependência económica da África do Sul do apartheid
 - c) Estabelecer uma união comercial entre os estados da região
 - d) Promover e maximizar a utilização efectiva de recursos da região;
 - e) Reforçar e consolidar as afinidades culturais, históricas e sociais de longa data da região.”

Guia de Correção

1. Enquanto a SADCC foi criada com a finalidade de reduzir a dependência em relação a África do Sul, a SADC tem como objectivo primordial promover a integração regional dos países da África austral.
2. a), b), c)
3. a), d), e)

Muito bem, chegados a esta fase, nada melhor que você sozinho medir o seu grau de assimilação dos conteúdos aprendidos, respondendo as questões abaixo.

Avaliação



Avaliação

1. Em que é que consistiu a reestruturação da SADC ocorrida na Cimeira Extraordinária realizada em Windoek, em Março de 2001.
2. Assinale a afirmação correcta
 - a) A SADC tem sede em Gaborone, no Botswana, e as línguas oficiais da Comunidade são o inglês, o francês e o português.
 - b) A SADC tem sede em Windoek, na Namíbia, e as línguas oficiais da Comunidade são o inglês, o francês e o português.
 - c) A SADC tem sede em Gaborone, no Botswana, e as línguas oficiais da Comunidade são o inglês, o francês.
 - d) A SADC tem sede em windoek, na Namíbia, e as línguas oficiais da Comunidade são o inglês, o francês.
3. Assinale com ✓ a principal diferença entre a SADCC e a SADC
 - a) A SADCC foi fundada por 9 estados enquanto a SADC foi fundada por 10 estados
 - b) A SADCC funcionava como uma organização descentralizada de cooperação, através de uma estrutura descentralizada enquanto a SADC é uma organização de integração.
 - c) A SADC tem mais sectores de actividade do que a SADCC
 - d) A SADC teve no início constrangimentos que a SADCC nunca teve.

Agora que terminou a resolução desta pequena avaliação verifique no fim do módulo se as respostas estão correctas e pode passar para a lição seguinte!

Soluções

Lição 1

Resposta 1. a)

Resposta 2

As contradições internas que conduziram ao nacionalismo estão relacionadas com o facto de após um enorme esforço dos africanos na II guerra mundial não terem tido qualquer benefício uma vez terminado o conflito. Por outro lado os princípios coloniais de assimilação defendida pelos franceses e a diferenciação apregoada pelos ingleses, levaram os súbditos franceses a defenderem que se "somos todos iguais" pelo que não deve haver restrições de espécie alguma, enquanto nas colónias inglesas reivindicava-se que a diferença devia ir até ao nível político.

Lição 2

Resposta 1.

A debilidade dos sindicatos africanos deveu-se a fraca aderência dos trabalhadores e a acção dos sindicatos amarelos.

Resposta 2.

Senghor foi um dos maiores nacionalistas africanos e senegalês em particular cujo papel no nacionalismo africano inclui a participação na fundação do movimento da "Négritude", a mobilização através do seu pensamento político e da sua poesia a liderança do movimento de libertação do Senegal, de que foi primeiro presidente. Privilegiou sempre a sua luta política à guerrilha.

Resposta 3

Os intelectuais africanos através de publicações diversas desempenharam portanto papel importante no surgimento e crescimento no nacionalismo africano. Os estudantes desempenharam um papel muito próximo ao dos intelectuais, mas com muito mais vigor.

Lição 3

Resposta 1.

A evolução política na Europa nomeadamente as liberdades fundamentais de reunião, de expressão e de deslocação tiveram efeitos em África, onde permitiu o surgimento de uma forte literatura política, o aumento de jornais reservados a artigos de cariz anti colonialista, o desenvolvimento de uma imprensa livre que catalisou bastante a actividade política em África, estimulando o surgimento e desenvolvimento dos partidos.

Resposta 2.

Partidos de massas são partidos com forte envolvimento popular e onde o exercício do poder era por mandato e legitimado pela eleição. Os outros tipos de partidos formaram-se em torno de certas elites económicas ou intelectuais.

Resposta 3

Enquanto frente é uma concentração política, assente numa plataforma contratual face a uma situação revolucionária por vários partidos que se juntam, com regras e objectivos claros, o partido é um organismo político muito homogéneo e restrito e que, devendo contar com outras forças vivas organizadas, no xadrez político, se permite um maior campo de manobra.

Resposta 4

Os jovens assumiram papel de destaque na acção dos partidos constituindo o “ferro da lança” da maioria dos mesmos. Os jovens defendem, com o vigor próprio da idade, as teses da independência e da unidade africana. Nos grandes comícios andam numa roda-viva para abrirem passagem e divertem a multidão com as suas exibições e piadas.

Lição 4

Resposta 1

Os factores que estimularam o incremento do movimento nacionalista em África após a segunda guerra mundial foram:

- A pressão das metrópoles pelo crescimento da produção colonial
- O avanço dos meios de comunicação (aviação, rádio, construção de estradas)
- A desestruturação das metrópoles europeias

Resposta 2

Nas colónias portuguesas foi preciso recorrer a luta armada porque perante a intensificação do movimento nacionalista, Portugal que não possuía nas colónias uma estrutura económica forte capaz de assegurar a manutenção dos seus interesses após a independência foi relutante em aceder ao desejo de independência dos africanos.

Lição 5

Resposta 1

Convenção Unitária da Costa do Ouro e Convention People's Part

Resposta 2

Enquanto Danquah estava disposto a aceitar o convite britânico para um processo gradual, e até lento, para a independência, enquanto Nkrumah defendia a independência imediata

Lição 6

Resposta 1.

O período pós independência no Gana foi caracterizado pela luta dos partidos da oposição aglutinados no United party contra o novo governo, tentando implantar uma organização federal e garantir o respeito pelas autoridades tradicionais.

Considerando a nova força política uma ameaça à unidade nacional o governo do CPP desencadeou represálias contra o United party e propôs uma constituição republicana da Commonwealth.

Resposta 2.



A agitação interna surgiu em resposta ao programa de austeridade orçamental imposto pelo governo de Nkrumah que desagradou determinados círculos da sociedade ganense.

Resposta 3.

O governo de Nkrumah assentava a sua acção governativa na centralização política enquanto o RNC orientou-se por uma política de descentralização. Embora Nkrumah defendesse o socialismo e o RNC fosse mais ocidental os dois governos apostaram em políticas sociais.

Lição 7

Resposta 1.

As principais recomendações da Conferência de Brazaville foram:

- Todos os súbditos das colónias deveriam tornar-se cidadãos franceses com direito a representatividade na Assembleia constituinte que tinha a tarefa de elaborar uma constituição para a França e para as colónias.
- O império devia ser transformado numa União na qual as colónias deveriam partilhar uma parte das responsabilidades do seu governo através das assembleias eleitas.

Resposta 2.

As autoridades francesas tentaram eliminar o RDA entre 1948 e 1950 devido a aliança dos nacionalistas africanos com os comunistas da metrópole. Portanto a França não queria ver surgir em África governos ligados aos partidos comunistas.

Resposta 3

Nos anos 50, Félix Houphouët-Boigny mudou a estratégia do RDA passando a apoiar os governos que se propunham a fazer concessões a favor das colónias.

Lição 8

Resposta 1

O Senegal assumiu quase sempre uma posição contrária ao RDA preferindo uma opção mais independente, com Leopold Senghor à cabeça. Para Senghor, a lei-quadro dividia as federações da África Ocidental e da África Equatorial em territórios isolados e incapazes de fazer face às pressões da França. Sendo a base de todos os serviços federais na África Ocidental, o Senegal sentia-se prejudicado com a implementação da lei-quadro, pois perdia a sua influência sobre os territórios que antes integravam a federação.

Resposta 2

A reacção da França perante a posição da Guiné foi retirar todo o seu apoio material e humano que até aí era oferecido a Guiné e outros estados da comunidade francesa.

Lição 9

Resposta 1.

A economia colonial no Congo caracterizou-se por um desenvolvimento industrial acentuado, graças a acção de sociedades financeiras. Entretanto a produção mineira estava virada ao escoamento de produtos em bruto para a Bélgica. Portanto não beneficiava o Congo. Os camponeses africanos viviam da agricultura de subsistência baseada nas culturas tradicionais.

Resposta 2

A fixação progressiva de africanos nas cidades, criou condições para uma progressiva elevação da consciência política porque começaram a surgir nas cidades, clubes de evoluídos, círculos de estudo e associações de antigos alunos cujos membros apresentavam um modelo de vida europeu. Essas associações formadas, em geral, depois da Segunda guerra Mundial, constituíram embriões do movimento nacionalista.

Resposta 3

b) c) e)

Lição 10

1.
 - a)
2. As negociações para a independência do Congo o ponto em que não se obteve consenso e resolveu-se com adopção de uma solução intermédia foi:
 - b)
3. Assinale com ✓ as principais lacunas no processo de descolonização do Congo
 - c)

Resposta 4

a) V

c) V

e) V

b) F

d) V

f) F

Lição 11

Resposta 1

Os principais movimentos nacionalistas da Niassalândia foram o Congresso Nacional Africano e o Partido do Congresso do Malawi

Resposta 2

K. Banda, privilegiou na sua luta a via pacífica, seguindo o exemplo dos nacionalistas do Quénia que tinham logrado os seus objectivos por via das negociações.

Resposta 3

Outras figuras ligadas a descolonização na Niassalândia foram O. Chirwa, H.B. Chipembere e M.W.K.Chiume

1.

Partido	Líder
Partido Federal	Roy Welensky
Congresso nacional Africano	Kumbula
UNIP	Keneth Kaunda

Lição 12

Resposta 1.

Neste período os interesses da minoria branca rodesiana estavam aglutinados na Frente Rodesiana, uma coligação dos partidos de Ian Smith e Winston Field cujo programa, a rejeição da colonização britânica e a contestação de um governo da maioria negra.

Resposta 2.

- a) V
- b) F
- c) F
- d) F

Lição 13

Resposta 1.

Os objectivos OUA eram:

- Promover a unidade e solidariedade entre os estados africanos;



- Coordenar e intensificar a cooperação entre os estados africanos, no sentido de atingir uma vida melhor para os povos de África;
- Defender a soberania, integridade territorial e independência dos estados africanos;
- Erradicar todas as formas de colonialismo da África;
- Promover a cooperação internacional, respeitando a Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- Coordenar e harmonizar as políticas dos estados membros nas esferas política, diplomática, económica, educacional, cultural, da saúde, bem estar, ciência, técnica e de defesa.

Resposta 2

O órgão máximo da OUA era a Conferência dos Chefes de Estado e de Governo

Resposta 3

As realizações da OUA foram:

- Descolonização de África
- Combate contra o apartheid
- Resolução de conflitos
- Promoção da cultura africana
- Promoção da harmonização das políticas nos campos do desenvolvimento económico e social.

Lição 14

4.C

8.D

5.E

6.A

7.B

Lição 15

Resposta 1

As sub-regiões em que o continente foi dividido são África oriental e austral, África central, África ocidental e Norte de África.

Resposta 2

As organizações regionais criadas na década de 1980 para responder ao anseio da integração económica foram:

- A COMESA, Mercado Comum da África Oriental e Austral;
- A SADC, Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral; e
- A Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental

Resposta 3

O principal objectivo da SADCC era reduzir a dependência económica da África do Sul do apartheid

Lição 16

4. Aprovou a reestruturação da SADC, tendo os 21 sectores anteriormente coordenados pelos estados membros sido agrupados em quatro direcções que são agora dirigidos centralmente pelo Secretariado da SADC em Gaborone.
5. a)
6. b)

Teste Preparação de Final de Módulo

Este teste, querido estudante, serve para você se preparar para realizar o Teste de Final de Módulo no CAA. Bom trabalho!

1. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre os conceitos de nação e estado
 - f) Nação é um termo que designa a reunião de pessoas do mesmo grupo étnico, mesma língua e mesmos costumes.
 - g) Estado é uma forma política com identidade étnica e em que seus membros estão unidos pelos hábitos, tradições, religião, língua e consciência nacional.
 - h) Os requisitos primordiais para definição de nação são os elementos território, língua, religião, costumes e tradição.
 - i) O principal requisito para definição de nação é a consciência de sua nacionalidade, em virtude da qual se sentem constituindo um organismo ou um agrupamento, distinto de qualquer outro, com vida própria, interesses especiais e necessidades peculiares.
 - j) O sentido de nação anula-se sempre que uma nação é fraccionada em vários Estados, ou várias nações se unem para formar um Estado.
2. Assinale com um ✓ a frase que melhor define nacionalismo
 - a) Despertar nacional, o resurgimento de uma personalidade que tenta afirmar-se opondo-se ao poder estabelecido.
 - b) Expressão dos anseios das diversas forças sociais, vivendo humilhadas e que esperam melhores dias.
 - c) Sentimentos que se difundiram na Europa e se manifestaram por medidas económicas como a autarcia e o proteccionismo aduaneiro, por decisões político-militares que incluíam o imperialismo bem como actos de desforra nacional.
 - d) Todo tipo de opinião exacerbada, tendenciosa, ou agressiva em favor de um país, grupo ou ideia.
3. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas em relação aos grupos motores do nacionalismo africano
 - h) Os sindicatos que se revelaram um dos grupos motores do nacionalismo africano, começaram a surgir em África por volta de 1930.



- i)** Os primeiros sindicatos africanos foram formados na África ocidental francesa onde em 1955 existiam cerca de 350 sindicatos.
 - j)** Apesar do seu aumento numérico nos meados do século XX, os sindicatos africanos, foram marcados pela Fraca aderência dos trabalhadores e pela acção perturbadora dos Sindicatos Amarelos.
 - k)** A acção dos intelectuais no nacionalismo consistiu essencialmente na criação do movimento da Negritude, um movimento intelectual altamente comprometido com a ideia da (re) valorização da raça negra, a (re) afirmação do Homem negro.
 - l)** Primeiro Congresso dos Escritores e dos Artistas Negros, no qual os estudantes lançaram uma espécie de Declaração de Independência Cultural realizou-se em Setembro de 1959.
 - m)** As igrejas, tanto Cristãs como o Islâmicas assumiram sempre uma posição de neutralidade em relação ao movimento nacionalista.
4. Explique as razões da debilidade dos sindicatos africanos

5. Faça corresponder as colunas A e B de modo a obter a correspondência correcta.

A. Partidos de notáveis	1. Partidos com forte envolvimento popular e onde o exercício do poder era por mandato e legitimado pela eleição.
B. Partidos de massas	2. Concentração política, assente numa plataforma contratual estabelecida face a uma situação revolucionária por vários partidos que se juntam a volta de um programa mínimo, com regras e objectivos claros.
C. Partidos de quadros	3. Organismo político muito homogéneo e restrito e que, devendo contar com outras forças vivas organizadas, no xadrez político, se permite um maior campo de manobra.
D. Congresso	4. Constituídos por uma elite instruída. Integravam estes partidos homens escolarizados.
E. Frente	5. Dirigidos por pessoas com posição económica e social privilegiada. Marcados pelo culto à personalidade e pela primazia do poder sobre a competência e a capacidade.
F. Partido união das forças vivas de um país numa organização com uma articulação pouco rígida e que se propõe	

6. Indique os factores que estimularam o incremento do movimento nacionalista após a segunda guerra mundial.
7. Explique porque é que nas colónias portuguesas foi preciso recorrer a luta armada para a conquista da independência.
8. As manifestações na Costa do Ouro, em princípios de 1948, não foram respondidas por uma acção de força. A Inglaterra limitou-se a formar uma comissão de inquérito e agir de acordo com as recomendações desta.
7. Aponte duas razões que explicam esta atitude inglesa, que contrastava com o carácter violento do colonialismo.
9. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre a independência na Costa do Ouro
- A convenção Unitária da Costa do Ouro foi fundada em 1947, por KwameNkrumah e integrava importantes figuras da religião, dos negócios e outras áreas.
 - No seguimento das recomendações da comissão de inquérito, Danquah e seus seguidores aceitaram preparar uma nova constituição.
 - A entrada de KwameNkrumah no processo nacionalista deu-se quando Danquah decidiu convidá-lo, para o cargo de secretário geral da Convenção Unitária da Costa do Ouro.
 - O Partido da Convenção Popular (Convention People's Part) foi formado por Nkrumah tendo como programa a "Independência imediata" e "acção positiva".

- e) Em 1949 Nkrumah e seus colaboradores directos receberam ordem de prisão, por isso nas eleições de 1951 o CPP não obteve metade dos assentos na nova Assembleia Legislativa.
 - f) Na sequência das eleições de 1951, o ministro das colónias e o governador inglês convidaram Danquah e seu partido a maioria dos cargos ministeriais no Conselho Executivo
10. Após a proclamação da independência do país a 6 de Março de 1957, passando o país a ser mais um membro da Commonwealth e das ONU, Nkrumah tornou-se primeiro presidente do país.
- a) Identifique as principais forças políticas ligadas a descolonização do Ghana
 - b) Analise as divergências entre Kwame Nkrumah e Danquah
11. Em 1963 o governo de Nkrumah concebeu um plano septenal (1963-1970). Assinale com um ✓ as linhas mestras desse plano
- a) Adopção do sistema socialista como objectivo final do seu desenvolvimento económico e social;
 - b) Construção de uma central hidroeléctrica, com capacidade de produzir 42 biliões de Kilowatts em Akosombo;
 - c) Diversificação das actividades económicas para reduzir a dependência em relação ao cacau;
 - d) Proibição de importação de bens de luxo, etc.
 - e) Neutralismo positivo em relação aos dois blocos- socialista e capitalista;
 - f) Oposição ao imperialismo, colonialismo e neocolonialismo;
12. Logo a seguir a Segunda Guerra Mundial, a França vivia sob o abalo do movimento nacionalista nas suas colónias. Assinale os acontecimentos que revelam esse ambiente.
- a) Aprovação, em 1956, da "Lei- Quadro"
 - b) Insurreições na Argélia e na Indochina
 - c) Independências de Marrocos e Tunísia, em 1956, como resultado de movimentos independentistas.
 - d) Referendo sobre a “autonomia” das suas colónias, no quadro de uma “Comunidade Francesa”, em Setembro de 1958

13. Assinale com um ✓ a afirmação que melhor completa a frase “a constituição da IV República aprovada em Outubro de 1946 não reflectia os interesses das colónias, pois ...”
- a) A descolonização da África Ocidental Inglesa teve repercussões directas na política francesa.
 - b) ao povo das colónias embora se atribuisse estatuto de cidadãos não se dava os mesmos direitos que os franceses da metrópole; o direito de cidadania era restrito, as eleições eram feitas em separado em círculos que davam maior influência aos franceses das colónias e alguns poucos africanos e a autonomia local estava aquém das expectativas.
 - c) Todos os súbditos das colónias deveriam tornar-se cidadãos franceses com direito a representatividade na Assembleia constituinte que tinha a tarefa de elaborar uma constituição para a França e para as colónias.
 - d) Apesar das restrições, os africanos possuíam, agora, uma base legal para o exercício da actividade política e, embora em menor escala, estavam representados na assembleia francesa.
14. Assinale com um ✓ as afirmações correctas sobre a descolonização nos territórios franceses
- a) Tal como acontecia na Costa do Marfim, também no Senegal, o RDA era muito forte e foi o pilar do movimento nacionalista.
 - b) Para L.Senghor, a lei-quadro dividia as federações da África Ocidental e da África Equatorial em territórios isolados e incapazes de fazer face às pressões da França.
 - c) O Senegal, de L. Senghor e a Guiné, com Ahmed Sekou Touré à cabeça consideravam a lei-quadro desvantajosa para os interesses dos africanos.
 - d) Todas as colónias francesas votaram a favor de uma comunidade francesa excepto a Guiné e o Senegal que optaram pela independência.
 - e) A decisão da Guiné de se opor a comunidade francesa levou a França a retirar todo o seu apoio material e humano mas a Guiné conseguiu sobreviver, pois teve de imediato o apoio do Gana e sobretudo dos países comunistas da Europa e Ásia.
 - f) No âmbito da lei-quadro e da comunidade francesa formaram-se a “*União Sahel-Benin*” e a “*Federação do Mali*”.

15. Embora a maioria das colónias francesas tenham proclamado sua independência alguns territórios, preferiram manter-se franceses.
- a) Concorda com a afirmação?
 - b) Se sim, indique os territórios que votaram por continuar franceses
16. Assinale com um ✓ os aspectos que caracterizam a política colonial no Congo
- a) O Congo desenvolveu como uma colónia de povoamento na qual existia um número bastante considerável de colonos belgas.
 - b) A economia colonial esteve assente na acção de sociedades financeiras como a Unilever, a Forminière, etc., que permitiram ao Congo um desenvolvimento industrial raro em África.
 - c) O desenvolvimento do Congo permitiu uma melhoria da vida dos camponeses africanos que deixaram de depender apenas da sua economia de subsistência baseada nas culturas tradicionais.
 - d) Mesmo depois da Bélgica e das companhias, o Congo não obtinha nenhum benefício das riquezas do país.
 - e) O sistema político belga, permitia a abertura da vida política aos congoleses com grandes perspectivas de mudança.
17. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre os factores do nacionalismo no Congo
- d) A urbanização, estimulou a consciência política porque nas cidades, surgiram clubes e associações, que se tornaram embriões do movimento nacionalista.
 - e) As associações proto nacionalistas no Congo foram formadas já com posições anti-coloniais.
 - f) O jugo colonial despertou a consciência nacionalista, mas o principal catalisador da explosão política, veio de fora.
18. Assinale com um ✓ as figuras que lançaram as bases do nacionalismo congolês.
- e) Pe. Joseph Maloulae Joseph Iléo, fundadores do Conscience Africaine.
 - f) Rei Baudouin defensor de uma política assimilacionista para o Congo.

- g) Van Bilsen, autor de um plano para a independência da África belga, num período de 30 anos.
 - h) Joseph Kasavubu presidente da Association du Bas-Kongo (Abako).
19. Assinale com um ✓ os que em factores 1958 contribuíram para o incremento do nacionalismo no Congo.
- a) A independência do Gana
 - b) A Exposição Universal de Bruxelas
 - c) A visita do General De Gaulle a Brazaville, no Congo francês, para anunciar a independência.
 - d) A formação de uma frente comum de todos dirigentes e movimentos políticos congolese.
 - e) Conferência Pan-africana dos povos em Acra, Gana, na qual a delegação congolese era liderada por Patrice Lumumba.
20. Assinale com um ✓ as ideias políticas de Patrice Lumumba, que constituíram o seu programa de luta.
- a) Independência do Congo e da África e o fim do imperialismo, do colonialismo, do racismo e do tribalismo.
 - b) Crítica ao colonialismo através de artigos publicados em jornais, advogando a igualdade entre africanos e belgas
 - c) Realização de uma conferência internacional sobre a descolonização, em Acra.
 - d) Revolta encabeçada pelo proletariado urbano que via na independência a única saída para os problemas da colónia.
21. As negociações para a independência do Congo o ponto em que não se obteve consenso e resolveu-se com adopção de uma solução intermédia foi:
- a) Calendário da descolonização e;
 - b) Constituição do novo Estado.
 - c) Calendário da descolonização e Constituição do novo Estado.
 - d) A divisão do poder entre os principais líderes

22. Assinale com ✓ as principais lacunas no processo de descolonização do Congo

- a) A existência de duas posições antagónicas no estatuto constitucional do novo país que eram o federalismo defendido por Kasavubue o Estado unitário, defendido por Lumumba
- b) Adopção de uma fórmula intermédia prevendo um Estado republicano com um poder central forte e seis governos provinciais.
- c) controlo do Banco Central do Congo pela Bélgica e a ausência de quadros suficientes.
- d) A inclusão, no governo de personalidades de diversas origens étnicas Patrice Lumumba, Swendé (de origem balubakat), Iléo (Bângala) e Joseph Kasavubu.

3. Assinale com V as afirmações verdadeiras e F as falsas sobre os problemas que o Congo enfrentou logo após a independência.

- a) Na altura da independência nenhum dos integrantes da liderança do país tinha experiência de gestão administrativa.
- b) A liderança do novo estado era bastante forte e unida mas os problemas sociais e económicos eram insuperáveis.
- c) No novo estado cada um dos membros da liderança do novo estado identificava-se com o seu próprio grupo étnico –tribal e tinha convicções políticas próprias.
- d) A independência chegou quando as forças que se opunham à união, lideradas por Moses Tchombé (do Catanga) e A. Kalondji (do Kasai) continuavam bastante fortes.
- e) A Bélgica lançou pára-quedistas para controlar as principais cidades, enquanto os principais líderes do país, Patrice Lumumba e Joseph Kasavubu, decidiram pedir o auxílio das Nações Unidas.
- f) Logo após a independência Patrice Lumumba foi preso pelas autoridades de Leopoldville e entregue aos catangueses que o assassinaram.

4. Mencione os principais movimentos nacionalistas da Niassalândia

5. Preencha o quadro abaixo sobre as principais formações nacionalistas da rodésia do norte

Partido	Líder
Partido Federal	
	Kumbula
UNIP	

6. Faça corresponder os diferentes órgãos da UA, da coluna A às respectivas atribuições, na coluna B

Coluna A – Órgão da UA	Coluna B - Funções
Comissão Administrativa	É o principal órgão, composto pelos chefes de Estado dos países-membros.
O Parlamento Pan-Africano.	Formado pelos ministros dos Estados-membros, dialoga com os integrantes
Assembleia Geral	Coordena as reuniões e actividades da organização.
Conselho Executivo	Monitora os conflitos do continente e intervém se necessário.
Conselho de Paz e Segurança	Debata questões sobre o continente e aconselha os chefes de Estado

7. Mencione três organizações regiões do continente africano.
8. Qual era o sector sob coordenação de Moçambique a nível da SADCC.
9. Mencione os países membros da SADC.